UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MODO DE VIDA E A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA:
O MAMAR E O ANDAR, O MODO DE MORAR
E O MODO DE DORMIR

ELAINE PEDREIRA RABINOVICH

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.

Área de Concentração : Psicologia Experimental.

Orientadora :

Profa. Dra. Ana Maria Almeida Carvalho.

SÃO PAULO

1992

1

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**MODOS DE VIDA E A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA: O MAMAR E O ANDAR, O MODO DE
MORAR E O MODO DE DORMIR**

ELAINE PEDREIRA RABINOVICH

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia - área de concentração Psicologia Experimental.

Profa. Dra. Ana Maria Almeida Carvalho
(Orientadora)

São Paulo
1992

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"MODO DE VIDA E A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA: O MAMAR E O ANDAR, O
MODO DE MORAR E O MODO DE DORMIR."

Candidata: ELAINE PEDREIRA RABINOVICH

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Almeida de Carvalho

Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia -
área de concentração PSICOLOGIA
EXPERIMENTAL

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Titular Arnaldo Augusto Franco de Siqueira

Prof. Dr. João Augusto Frayze Pereira

Profa. Dra. Ana Maria Almeida Carvalho

Defesa - 1993

Para Neville

presente em todas as horas

Agradecimentos

À Profa. Dra. Vera Silvia R. Bussab, a "madrinha" que ajudou a iniciar o processo que hora finalizo e pelas sugestões dadas ao texto apresentado na Qualificação.

À Profa. Dra. Emma Otta, tanto pela oportunidade de realizar esse "exercício de pensar" realizado no curso por ela ministrado quanto pela paciente leitura e sugestivas contribuições dadas ao material semi-embrionário até o seu final.

Ao Prof. Dr. Arno Engelmann pela oportunidade de aprofundar e estender o conhecimento sobre questões da Psicologia e da Filosofia e pelo acesso à Teoria Geral dos Sistemas.

Ao Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva pela oportunidade de discutir e ampliar questões referentes ao relacionamento humano e por ter me apresentado a Yi-Fu Tuan.

Ao Prof. Dr. Arnaldo Augusto Franco de Siqueira, orientador da pesquisa que deu origem a este trabalho, pelo seu verdadeiro entusiasmo, respeito, carinho e incentivo neste e em todos demais trabalhos realizados em conjunto ou não.

À Denize Cristina de Oliveira, amiga, companheira e idealizadora da pesquisa que deu origem a este trabalho sem a qual ele nunca teria acontecido.

À Neusa Guaraciaba dos Santos, amiga e companheira por ter realizado a pesquisa que deu origem a este trabalho, por ter me incentivado a seguir o seu exemplo e realizar mestrado em Psicologia Experimental e por todo o seu carinho e cuidados.

A todos os companheiros do Centro de Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano que foram e são o germe de onde brotam as nossas realizações, individuais e coletivas.

À Profa. Dra. Sabina Gotlieb, pelo auxílio nos cálculos estatísticos.

À equipe do Centro de Saúde Paula Souza, pelo suporte e participação na pesquisa de Vila Madalena.

Às crianças pesquisadas e suas famílias.

À Iná Lúcia Carvalho Santos, pela revisão e datilografia inicial deste trabalho.

À Regina Claudia Cirullo, que tornou possível a concretização material deste trabalho.

Ao Marcos Rosa de Lima, pela paciente e eficiente digitação.

À minha filha Joy Pedreira Bar, por tudo que ela é e me dá.

À Maria Diogo da Silva, amiga, companheira e colaboradora de todas as horas.

À Suzana Pasternak Taschner, minha "irmã" a quem reencontro em outras plagas.

E , principalmente, à minha orientadora, Ana Maria Almeida Carvalho, por ter permitido e possibilitado a concretização deste trabalho, por seu espírito acima de tudo democrático, de companheirismo, dedicação e eficiência.

E se a lista é longa é porque muitos ajudaram.

Elaine Pedreira Rabinovich. Modo de Vida e Relação Mãe-Criança. O mamar e o andar. O modo de morar e O modo de dormir. São Paulo, 1992. 135 páginas. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Resumo

Uma amostra inicial de 60 crianças de 0 - 12 meses, inscritas em um Centro de Saúde que serve ao sub-distrito de Vila Madalena, São Paulo, foi acompanhada durante um ano através de visitas domiciliares, objetivando descrever suas casas, suas famílias e alguns aspectos do seu desenvolvimento. Vários recursos metodológicos foram usados na realização desta tarefa, incluindo observação direta, entrevistas semi-estruturas e escalas de desenvolvimento. Dados sobre o aleitamento materno (presença ou ausência de rotina, esquemas controlados pela mãe ou pela criança e idade do desmame) e sobre a idade da marcha independente foram analisados com relação a alguns aspectos da organização física e psicológica do ambiente doméstico, tais como: presença/ausência e característica de um "cantinho do bebê" (sem berço/berço/berço ornamentado); nível de organização e ordenação do ambiente físico; presença/ausência de condições físicas e condições controladas pela mãe favorecedoras de comportamentos exploratórios (autonomia) da criança. Um esquema de análise é proposto no qual os conceitos de apego e autonomia, relativos à relação mãe-criança, são associados aos conceitos de "lugar" e "espaço", relativos à organização do ambiente doméstico; e ambas dimensões são compreendidas como expressão de um "sistema de desenvolvimento" que inclui a organização psicológica da díade mãe-criança e sua inerente suscetibilidade ao sistema de crenças e as condições de vida concretas nas quais o desenvolvimento ocorre. Uma comparação com as práticas de criação e a organização ambiental numa sociedade de caça-coleta (os !Kung do deserto de Kalahari) é usada para realçar o conceito de sistema de desenvolvimento.

Elaine Pedreira Rabinovich. Mother-Child Relationship and Way of Living: breastfeeding and independent walking, house holding and way of sleeping. São Paulo, 1992. 135 pages. Master's thesis presented to Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

An initial sample of 60 children aged 0-12 months, attending to a Public Health Center at V. Madalena, S.P., was followed during one year with home visits, aiming to describe their houses, their families and some aspects of their development. Several methodological resources were used to accomplish this task, including direct observation, semi-structured interviews and developmental scales. Data on breastfeeding (presence or absence of routines, child/mother controlled schedules and age of weaning) and on independent walking age were cross-analysed with some aspects of the physical and psychological organization of the home environment, such as: presence/absence and characteristics of a "baby's corner" (no cradle/ cradle/ ornamented cradle); level of organization and ordering of the physical environment; presence/absence of physical and of mother-controlled conditions favouring exploratory behaviour by the child. A scheme of analysis is proposed in which the concepts of attachment and autonomy, relative to the mother-child relationship, are linked to the concepts of "place" and "space", relative to the organization of the home environment; and both these dimensions are understood as the expression of a "developmental system" including the basic psychobiological organization of the mother-child dyad and its inherent susceptibility to the belief systems and the concrete living conditions within which development takes place. A comparison with the childrearing practices and environmental organization in a hunter-gatherer society (the Kalahari !Kungs) is used to highlight the concept of developmental system.

ÍNDICE

	Página
1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Sistema de Desenvolvimento e Contexto de Desenvolvimento.	13
1.2 Aspectos evolutivos e históricos da relação mãe-criança	16
1.3 O "elo perdido"	20
1.4 Objetivo do estudo	22
2. MÉTODO	25
2.1 A pesquisa de Vila Madalena	25
2.1.1 População estudada	25
2.1.2 Procedimento	26
2.2 A pesquisa sobre o modo de vida !Kung	28
3. O MODO DE VIDA !KUNG	29
3.1 Onde vivem	29
3.2 Como vivem	29
3.3 A casa	29
3.4 O que possuem	30
3.5 A organização sócio-cultural	30
3.6 O trabalho	31
3.7 Os instrumentos de trabalho	31
3.8 O parto	32
3.9 O sistema de cuidados: a relação mãe/criança	32
3.10 O desmame	33
3.11 A sedentarização	33

4. O MODO DE VIDA DE VILA MADALENA	35
4.1 O bairro	35
4.2 Os tipos de casas	36
4.3 Indicadores para análise do interior da casa	39
4.4 Categorias para análise da casa	42
4.5 Síntese: O modo de morar em V.Madalena	48
4.6 O quarto de dormir	50
4.7 Caracterização das Famílias	56
4.8 O trabalho	58
4.9 A dinâmica das relações na casa	59
5. SISTEMA DE CUIDADOS	63
5.1. Sistema de Aleitamento	63
5.1.1 O sistema de aleitamento em Vila Madalena	65
5.1.2 Discussão comparativa	68
1. Nível sócio-cultural: a "padronização"	69
2. Nível sócio-biológico: a "naturalidade"	69
3. Nível sócio-psicológico: a "subjetividade"	71
4. Nível do "aleitamento em si"	73
5.2. Sistema de autonomia: O andar	75
5.2.1 O sentar e a oportunidade	77
5.2.2 O andar e a autonomia	79
5.3. O Sistema de Dormir: O quarto	82
5.3.1 Os !Kung e o dormir	82
5.3.2 O modo do bebê dormir em V.Madalena	83
5.3.3 Berço e Enfeites: Aportes Teóricos	86
5.3.4 Berços, Enfeites, Casas e Famílias em Vila Madalena	92

5.4. O Espaço Potencial	93
5.4.1 Esquema de análise do Espaço Potencial	93
5.4.2 O Espaço Potencial em V. Madalena	94
5.5. Espaço e Lugar/Aleitamento e Marcha	96
5.6. Tipologia: Modo de Morar/Modo de Cuidar	99
6. O EXERCÍCIO DE PENSAR	106
7. CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	114
ANEXOS	123

" O mundo está tão cheio de coisas
Deveríamos todos ser felizes como reis ".

Robert Louis Stevenson,
" A Child's Garden of Verses "

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos do contexto em que o desenvolvimento da criança ocorre, e verificar as implicações deste contexto sobre o desenvolvimento, especificamente sobre o aleitamento/desmame e a marcha.

Este objetivo originou-se de uma pesquisa * realizada em 1988-1991 que visou analisar métodos e instrumentos e desenvolver propostas operacionais de acompanhamento do desenvolvimento geral infantil em nível institucional. Sua população foi de crianças na faixa etária de 0 a 2 anos, residentes no sub-distrito de Vila Madalena, inscritas no programa de Saúde da Criança do Centro de Saúde Geraldo Paula Souza.

O pressuposto teórico de tal pesquisa foi o de que o desenvolvimento ocorre na interação entre aspectos biológicos e contextuais, considerados material, social e relacionalmente.

Em função desta premissa, a pesquisa foi realizada através de *visitas domiciliares*, em que se procurou estudar a criança e seu "habitat natural".

A visita domiciliar desvelou que, ao lado de fatores sócio-econômicos, há estilos ou modos de vida que caracterizam cada família. A confrontação direta com o modo de vida e os habitats das crianças e de suas famílias recrudesciu o ponto de vista de que comportamentos legitimados socialmente são percebidos como "normais", ou seja, de que o ponto de vista do pesquisador é uma fonte de viés etnocêntrico. Conforme KON (1987), é difícil distinguir entre processo de determinação, motivação e legitimização, havendo geralmente redução do primeiro ao último. Esta constatação nos levou a sentir a necessidade

* "Estudo de Métodos e Instrumentos para Acompanhamento de Desenvolvimento em Unidade de Saúde" - Elaine Pedreira Rabinovich, Denize Cristina de Oliveira, Neusa Guaraciaba dos Santos, orientador Prof. Dr. Arnaldo Augusto Franco de Siqueira. Agência Financiadora CNPq. Siqueira et alii: Instrumentos para Acompanhamento e Avaliação do Desenvolvimento Infantil na Atenção Primária à Saúde, Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. Ano 2, 1992.

de ampliar o referencial de análise através de uma abordagem comparativa.

Alguns pesquisadores (Konner, 1981) desenvolveram a convicção de que certas contribuições para compreender a infância viriam de, e talvez apenas de, estudos interculturais e interpopulacionais. Parke et al (1981) sugerem que a razão para se engajar em uma pesquisa intercultural é ser capaz de variar sistematicamente fatores que não podem ser variados dentro de uma única população ou sistema cultural. Carvalho (1989) considera que o estudo comparativo é útil para a formulação de princípios gerais de comportamento devido quer às semelhanças quer às diferenças por ele evidenciadas.

Estudos comparativos podem ir tanto na direção dos antepassados, quanto na de outros primatas, ou na de povos modernos em contextos sócio-culturais e históricos diversos.

Neste trabalho, propõe-se analisar os dados obtidos a respeito das crianças de Vila Madalena cotejando-os com dados relativos a crianças da cultura !Kung.

Os !Kung (ou !Kung San) são um povo moderno, nômade, que vive no deserto do Kalahari, no Sudeste da África, em um modo de vida de caça e coleta. Estão nessa região há 50.000 anos. Segundo DeVore e Konner (1974, p.23) "os San não são apenas diferentes de nós; são representativos do modo de vida em que o homem e as relações mãe-filho humanas evoluíram". "Eles são seres humanos modernos cujo estilo de vida tem suas raízes ligadas às origens da humanidade" (Leakey, 1978, p. 90). Segundo Carvalho (1989), o conhecimento do "ambiente específico da espécie", ou seja, o ambiente no qual estão presentes as pressões seletivas responsáveis pela evolução de suas formas características de adaptação, oferece pistas sobre o funcionamento e o desenvolvimento do organismo adaptado. Considerado sob este aspecto, este estudo propõe, parafraseando Blurton Jones (1981), descrever os

contextos de desenvolvimento no qual o sistema de desenvolvimento característico da espécie está funcionando, e as consequências dessa interação sobre esse mesmo sistema.

O conceito de "contexto" é aqui tratado como "modo de vida", especialmente em seus aspectos imediatos (microsociais): o modo de morar e de dormir e a relação mãe-criança. O *modo de vida* é um constructo sócio-histórico, utilizado pela etnologia (Kon, 1987). Significa que se considera a totalidade das formas historicamente desenvolvidas e interrelacionadas, assim como os modos das atividades sociais - trabalho, lazer, padrões de relacionamentos interpessoais, etc., típicos de uma dada sociedade, em sua unidade com a estrutura social e o estilo predominante de pensamento. "As idéias, ações, valores, hábitos e crenças de outras pessoas são parte do rico complexo de influências desenvolvimentais a partir das quais as vidas são construídas" (Oyama, 1989, p.24).

A partir desta concepção, a unidade de estudo do desenvolvimento deve ser o sistema formado pelo contexto do desenvolvimento e o próprio desenvolvimento, que é denominado aqui "sistema de desenvolvimento".

1.1 Sistema de desenvolvimento e contexto de desenvolvimento

A noção de *sistema de desenvolvimento* é uma contribuição da Teoria Geral dos Sistemas aplicada ao estudo do desenvolvimento da criança. Sistema de desenvolvimento "é um conjunto móvel de influências e entidades interatuantes. Inclui todas as influências sobre o desenvolvimento, em todos os níveis de análise" (Oyama, 1989, p.26).

Segundo a Teoria Geral dos Sistemas, todo ser vivo é um sistema - um conjunto de elementos em interação (von Bertalanffy, 1977); um sistema aberto, capaz de auto-manutenção, auto-regulação,

auto-reprodução e auto-organização. Sistemas biológicos têm as propriedades do todo e da ordem e assim, embora divisíveis em subsistemas não podem ser compreendidos por uma redução de componentes complexos a componentes simples. O desenvolvimento de sistemas vivos envolve diferenciação progressiva, propriedades emergentes, organização, retro-alimentação, transações hierárquicas e equifinalidade (Gunnar, 1989). Equifinalidade é a propriedade dos sistemas abertos pela qual seu estado está determinado pela natureza de suas relações, e não por suas condições iniciais, de tal forma que diferentes condições iniciais podem levar a um mesmo estado do sistema (Berenstein, 1988). Conceitos como ordem, desordem, auto-organização, autonomia e complexidade visam fornecer um "novo paradigma" (Dupuy, 1990) que supere a visão positivista, mecanicista, reducionista e linear (Kaplan, 1991), e as dicotomias corpo-mente, inato-aprendido, "nature - nurture", preformismo - construtivismo, evolução - desenvolvimento.

Oyama (1989) propõe que genes e ambiente sejam considerados parte de um sistema de desenvolvimento que resulta em uma *natureza* fenotípica. Para ela, a natureza não é transmitida, e sim construída; é um produto do desenvolvimento, o ambiente sendo tão constitutivo quanto os genes. Genes e ambiente social são interagentes herdados, e sistema nervoso e capacidades sociais são produtos do desenvolvimento.

O sistema de desenvolvimento inclui todas as influências sobre o desenvolvimento, em todos os níveis de análise. Os níveis podem ser: célula, órgão, organismo, grupo, organização, sociedade, sistemas supranacionais (Miller e Miller, 1982). Sistemas de desenvolvimento são hierarquicamente organizados e podem ser estudados em cada um desses níveis, sendo que as interações entre os níveis são cruciais (Oyama, 1989). Segundo esta autora, o que passa de uma geração para outra é um sistema total de desenvolvimento, no qual a *natureza* ("nature") é um produto do processo de interações que chamamos *criação* ("nurture"). O conceito de sistemas de

desenvolvimento evolutivos fornece uma visão unificada do desenvolvimento, integrando-o à evolução. A hereditariedade não estaria limitada aos genes, mas incluiria aspectos do entorno relevantes para o desenvolvimento. A hereditariedade, pois, não seria atomística, mas sistemática e interativa. A própria evolução seria uma questão de contextos de desenvolvimento que mudam, de tal modo que não se pode compreender a evolução sem o contexto e, ao mesmo tempo, a história evolutiva ajuda a compreender o contexto.

Para Levine (1977), os ambientes das crianças são modelados por valores culturais, não apenas específicos a situações de cuidados infantis, mas também derivados de amplas orientações (referentes a relações interpessoais, aquisição pessoal, solidariedade social) associadas aos sistemas sociais e às metas individuais. A função atribuída a tais valores na educação infantil seria a de preparar o indivíduo para participar do sistema em que irá viver.

O contexto (Zaslow e Rogoff, 1981) deve ser visto como uma variável que merece estudo por si só, quer como um determinante de comportamento quer como um aspecto da atividade observada. Por exemplo, Chisholm (1981), estudando crianças Navajo e anglo-americanas, concluiu que o principal determinante de diferenças interculturais ou intraculturais de padrões de interação mãe-criança eram diferenças na oportunidade de cada criança de interagir com outros além da mãe. Tais diferenças estavam baseadas nos contextos sociais dos grupos residenciais das crianças, onde havia diferenças significativas quanto ao número, idade, sexo e parentesco/familiaridade de co-residentes. Conclui, além disso, que focalizando-se o contexto microsocial é possível relacionar as diferenças e semelhanças observadas inter e intra-grupos aos fatores mais amplos - históricos, econômicos e ecológicos - que determinam em grande parte a natureza e a composição desses contextos sociais através de seus efeitos sobre as atividades de subsistência, a carga de trabalho, a divisão sexual do trabalho, as rotinas cotidianas, etc. Este estudo ilustra o que aqui estamos entendendo por contexto e sua

imbricação no sistema de desenvolvimento.

1.2 Aspectos evolutivos e históricos da relação mãe-criança

O ambiente (contexto) atual da vida humana é muito diferente daquele em que se processou a maior parte da história evolucionária e a constituição das características básicas da espécie, e que se caracterizava por um modo de vida de caça e coleta (Leakey, 1978). Mesmo no caso dos !Kung, não se pode afirmar que vivam exatamente no mesmo "ambiente evolucionário" de seus antepassados, porque foram sendo forçados a se retirar para áreas mais desérticas pelos invasores holandeses, além de que há, atualmente, um movimento em direção à sedentarização (Leakey, 1978). Mas, segundo Carvalho (1989), é útil considerar as exigências adaptativas daquele modo de vida para se compreender o comportamento humano, já que o *Homo sapiens* de hoje é, biologicamente, a mesma espécie que já existia há pelo menos 50 mil anos, e que veio se constituindo ao longo de pelo menos dois milhões de anos, ainda que nos últimos dez mil anos, desde o surgimento da agricultura, o modo de vida da espécie tenha se alterado de forma acelerada.

O conhecimento desse modo de vida ancestral depende muitas vezes de evidências indiretas e acidentais, como as obtidas através das pegadas de três hominídeos, em Laetoli, no oeste da África, há três milhões e quinhentes mil anos atrás: um homem, uma mulher e uma criança, seu peso, sua estatura, o modo de caminhar, a posição relativa etc. A raridade desse achado está em que, usualmente, não se tem registro do que seria a "ação" de nossos antepassados (video "O Milagre da Evolução", National Geographic). Outras formas de construir esse conhecimento são o estudo de modos de vida e sistemas de adaptação relacionados ou possivelmente representativos dos de nossos ancestrais (como é o caso dos !Kung) ou o estudo de outros primatas. Goodall (video "O Milagre da Evolução", National Geographic) aponta que os comportamentos comuns a homens e chimpanzés devem ter sido

partilhados por antepassados comuns a ambos, fornecendo indicações sobre como nossos antepassados viviam, e sobre os rumos da evolução humana.

Teriam havido dois momentos decisivos na evolução do ser humana: a postura ereta e a comunicação verbal.

Com a postura ereta, há três ou quatro milhões de anos atrás, ocorreram modificações essenciais no que se refere quer ao próprio curso da hominização, quer da relação mãe-criança: a liberação das mãos, e o estreitamento da cintura pélvica.

A liberação das mãos permitiu o fazer, o tocar, o agarrar, o atirar, e, principalmente, no que se refere à relação mãe-criança, o carregar. Os primatas têm mãos que, sob o controle do *feed-back* do olhar, realizam uma grande quantidade de manipulações que outros animais realizam com a boca (Hockett, 1960). Diferentemente dos demais primatas, nos quais o filho se agarra à mãe, a perda dos pelos do corpo obrigou a mãe humana a carregar ativamente o seu filho (Mellen, 1981).

Concomitantemente à posição ereta, ocorreu um desenvolvimento cerebral propiciado pelo exercício manipulatório. Para Leakey (1978), o tripé sobre o qual se deu a evolução humana foi o uso cada vez mais complexo de instrumentos, a rede social também cada vez mais complexa, e a comunicação verbal possibilitando essa complexificação. Esse é o sentido da afirmação de que o homem é um "animal cultural", pois a interação social e a inovação tecnológica acabaram por constituir pressões seletivas para a evolução dos hominídeos.

Em termos biológicos, ocorreu o aumento do volume cerebral, com diferenciação de funções. Ao lado desse aumento, em consequência da postura ereta, houve um estreitamento da cintura pélvica, necessário para a movimentação das fêmeas. Em função dessas modificações, o

crescimento cerebral teve que se dar fora do útero, o que acabou por determinar o nascimento de bebês humanos vulneráveis, em estado embrionário, comparativamente aos outros primatas (Gould, 1987). Estas circunstâncias favoreceram, e foram retroalimentadas pelo desenvolvimento da sociabilidade e por um longo período de aprendizado (Leakey, 1978).

A família humana surgiu provavelmente com o *Homo erectus*, entre um milhão e seiscentos a quatrocentos mil anos atrás. Este *Homo* domesticou o fogo. Washburn e Lancaster (1970) supõem que a família monogâmica já existia no tempo do *Homo erectus*, e que o desaparecimento do estro da fêmea foi essencial para essa forma de organização. Mellen (1981) supõe que um macho adulto era necessário para cuidar das crianças, além da mãe, no ambiente de savana onde ficavam expostos a perigosos predadores durante o Plio-pleistoceno. Para este autor, a divisão do alimento coletado nos acampamentos ("home bases") forneceu a base do amor e das relações sociais em geral (através da diferenciação de papéis a partir da divisão de trabalho).

Washburn e Lancaster (1975), pensando no *Homo erectus* como caçador-coletor, supõem que a reciprocidade econômica (troca de alimentos entre indivíduos), que não existe entre primatas, criou um novo conjunto de vínculos interpessoais. Se os machos caçam e as fêmeas coletam, e os produtos são trocados e dados aos filhotes, isto pode ter se tornado a base da família humana. Mellen (1981), contudo, acredita que há outras causas, além das econômicas; supõe que as mesmas pressões que favoreceram trazer o alimento para ser dividido no grupo favoreceriam o aparecimento do amor no sentido de potencialidade afetiva. Conclui este autor que na ligação emocional macho-fêmea, tanto quanto no desenvolvimento posterior do afeto paterno, o ponto biológico vital foi a sobrevivência da criança proto-humana, sendo esta a razão primária pela qual homens e mulheres têm a tendência de se amarem.

A sobrevivência da criança depende da proteção dos pais. Bowlby (1984) sustenta que a função biológica básica do apego mãe-criança foi a proteção contra predadores. A relação mãe-filho seria o fruto de pressões seletivas presentes no ambiente evolucionário da espécie que geraram a necessidade de mecanismos que garantissem a proximidade adulto-criança como forma de proteção do bebê.

O modelo de criação que decorre desta concepção a partir das condições de evolução humana implica em contato constante entre a mãe e a criança, alimentação contínua e proximidade a fim de garantir uma base segura para a exploração.

Esta concepção contrasta com a que é sustentada por historiadores e outros cientistas humanos. Historicamente, do modo de vida de caça-coleta até hoje profundas alterações ocorreram, e seriam os determinantes dos sistemas de criação. Segundo Badinter (1985), por exemplo, no século XVIII a amamentação era considerada ridícula e repugnante nas classes mais altas, não havendo apego materno, que seria fruto de um mito destinado a conservar a mulher em uma posição de inferioridade ante o homem.

Para Ariès (1978, 1990, 1991), é a partir do século XVII que começa uma preocupação com a infância, surgindo concomitantemente o sentimento de família. Poster (1979) comenta que o que caracteriza a família moderna, em contraposição a épocas anteriores, é a sua centração nas crianças.

Segunda a visão histórica, a relação mãe-criança é permeada por questões econômicas, políticas e culturais. Os cuidados com a criança não se dariam de modo constante através da história, dependendo da ideologia sobre a relação mãe-criança, da concepção sobre o que é a criança, do(s) papel(eis) que a mulher desempenha na sociedade e das condições gerais do modo de vida.

O modelo de criação depreendido da visão histórica é que a relação mãe-criança é substituível por qualquer outra, que a amamentação é um costume errático, que a "ideologia" determina modos de vida e modos de criar, que o vínculo mãe-criança e o afeto são mitos modernos.

Contudo, recentemente, um outro personagem entrou em cena, trazendo novas informações sobre a questão da relação mãe-criança.

1.3 O "elo perdido"

O "elo perdido" é o próprio bebê, que apenas recentemente aparece como personagem de estudos e pesquisas, passa a ser considerado e a atuar como ator principal, não como mero apêndice a reboque de outros personagens.

Novos métodos de investigação, de cerca de quinze anos para cá, têm revelado o bebê como um ser competente para sobreviver. O bebê, considerado frágil e desamparado, tem-se revelado ativo em sua capacidade de perceber, comunicar, interpretar e expressar emoções, e de as regular durante interações sociais. Sua fragilidade orgânica teria sido complementada por atributos comportamentais e interacionais, de modo que o bebê nasce equipado pela pressão evolutiva de forma a garantir que o adulto se apegue a ele. A alometria, tendência evolutiva da qual resultou a forma infantil do bebê humano, assim como de outros mamíferos e aves, possibilitou estímulos que são propostos como mecanismos liberadores para o comportamento parental (Konner, 1977). Sua universalidade ajudaria a explicar o potencial para a adoção de espécimes jovens, inclusive o afeto humano por bebês de outras espécies (cãozinho, gatinho etc).

Do ponto de vista motor, reflexos como os de agarrar (BLURTON JONES, 1981), sucção, busca e preensão do seio, estão intimamente associados ao contato do bebê com a mãe, constituindo

parte do sistema de nutrição via aleitamento e da própria comunicação do bebê (Widner, 1987).

O neonato reconhece e prefere a face materna (Field, 1984; Bushnell, 1989; Masi, 1983), distingue e prefere a voz materna (De Casper, 1980), prefere o tom de voz "infantilizado" com que geralmente o adulto, preferencialmente a mulher, e preferencialmente a mãe, se dirige a ele, conhecido como "baby-talk" (Fernald, 1984, 1985); discrimina e prefere o odor axilar da mãe quando alimentado ao seio, e, com seis dias apenas, apresenta uma resposta diferencial para o cheiro do leite da própria mãe (Cernoch, 1985). Além disso, discrimina e prefere certas cores a outras (Bornstein, 1982), discrimina e prefere certos sons a outros (Gottlieb, 1985; Klaus, 1989), assim como odores (Rieser, 1976) e sabores (Bergamasco, 1990).

Todo este equipamento perceptivo do bebê tem o sentido de facilitar a sua interação e adaptação ao meio onde vive. É através desse meio que ele poderá exercitar e desenvolver suas habilidades.

Papousek (1984) verificou a sincronia na comunicação materno-infantil, no que ele denominou "espelho biológico" ou "eco biológico". Esta sincronia se caracteriza pela fala tipo "baby-talk", expressões faciais e movimentos corporais de mãe e criança, como se estivessem envolvidos numa dança. Papousek observou também que os padrões de fala, orientação e movimentos corporais são altamente adaptados para a competência cognitiva, de aprendizagem, e de processamento de informação da criança, constituindo-se num forte apoio para seu desenvolvimento cognitivo; ou seja, o modo como a mãe se comunica fornece o meio através do qual a mensagem pode ser apreendida, constituindo-se, por si só, na própria mensagem. Segundo Trevarthen (1979), esta comunicação é o principal fator na criação do elo mãe-filho.

Neste modo, haveria facilitadores para a vinculação do bebê ao que se convencionou chamar figura de apego. A necessidade de apego

seria uma necessidade primária, como fome, sede ou sexo (Bowlby, 1988) e seria responsável pela segurança básica, ou, como diz Erikson (1976), pela capacidade de confiar em si e no outro, além de proporcionar à criança uma base segura a partir da qual poderia explorar o seu meio - exercer sua autonomia - e retornar a ela em caso de perigo.

Podemos concluir que o aparelho psíquico e perceptivo do neonato demonstra uma prontidão para relacionar-se com outras pessoas, especialmente com sua mãe, assim como há uma complementaridade materna à estimulação fornecida pela criança. A pressão evolutiva favoreceu o vínculo mãe-criança, colocando à disposição de ambas os equipamentos e habilidades necessários para isto. A cultura, no entanto, opera segundo forças ditadas por conjunturas diversas, e estas oscilam em grandes arcos pendulares, num tipo de equilíbrio dialético, ora favorecendo o vínculo mãe-criança, ora não o favorecendo, ou modificando-o, ora fazendo ambos concomitantemente: a situação da mulher moderna cosmopolita da sociedade atual.

A flexibilidade adaptativa do homem permite-lhe sobreviver em condições bem diversas. Conforme Blurton Jones (1981), a existência de adaptações a um tipo de prática de criação não implica necessariamente consequências prejudiciais em decorrência do desenvolvimento sob condições diferentes; implica, sim, que uma criança criada de forma "errada" estará mal adaptada ao ambiente em que o sistema em questão evoluiu. "A presença de adaptações a um certo tipo de criação implica que este é o contexto de desenvolvimento ao qual todo o sistema de desenvolvimento está adaptado" (Blurton Jones, 1981, p.319).

1.4 Objetivo deste estudo

Em síntese, a partir das considerações feitas acima, este estudo visa analisar o modo de vida e sua influência no

desenvolvimento, ou seja, analisar a relação entre aspectos do desenvolvimento e o contexto no qual este ocorre. Para isso, será analisado o modo de vida de um grupo de crianças de Vila Madalena, São Paulo, usando-se o modo de vida das crianças !Kung como parâmetro de referência. Estes dois grupos de crianças vivem em condições sócio-econômicas, geográficas, históricas e evolutivas completamente diversas, sendo esta diversidade uma das razões desta proposta. A comparação, evidentemente, deve ser feita com cautela, considerando-se que os dados foram obtidos a partir de métodos e objetivos distintos.

Pretende-se realizar um "exercício de pensar" a partir das diferenças e semelhanças dos dois grupos. Pensar é pesar. E pesar é comparar diferenças. Por isso as crianças !Kung surgiram como opção de comparação: pela polarização quanto ao modo de vida. Esta polarização se dá sob muitos aspectos; mas, já que desde o primeiro momento o objetivo do trabalho foi estudar o meio material e relacional, isto é, a casa e a família das crianças, o principal motivo pelo qual os !Kung foram escolhidos para esta comparação foi o fato de serem nômades, e, devido a isto, não terem casas *nem* posses, apenas o que conseguem carregar. A ausência de casa e de posses em um dos grupos a serem comparados pareceu ser um bom princípio para estudar a influência da casa e das posses no sistema de cuidados e no sistema de desenvolvimento.

A hipótese que permeia este estudo é a de que, comparando-se dois grupos de crianças, um sem casa, outro do qual se conhecem as casa e famílias, seja possível compreender como os contextos determinam diferenças no desenvolvimento.

Os objetivos mais específicos foram comparar as crianças de Vila Madalena e dos !Kung quanto a alguns aspectos do desenvolvimento e do modo de vida: o mamar e o andar, o morar e o dormir. Estes aspectos são analisados em termos das seguintes variáveis: motivo e idade do desmame; esquema de aleitamento (a pedido ou com horário); presença ou ausência de rotinas; início do sentar sem apoio e da

marcha independente, correlacionados com o conceito de autonomia; relações entre o sistema de amamentação e o início da marcha; o quarto de dormir, o berço e suas circunstâncias; o "modo de vida", entendido a partir do "modo de morar"; paralelos entre o modo de vida, o modo de morar, o sistema de cuidados e o desenvolvimento infantil.

2. MÉTODO

Este estudo está baseado em dois conjuntos de dados: os dados principais que se originaram da pesquisa supra citada e os dados a respeito das crianças !Kung, recolhidos com base em KONNER (1977/1981), DEVORE (1974) e LEAKEY (1981).

2.1. A pesquisa de Vila Madalena

2.1.1 População Estudada

Esta pesquisa foi realizada no período de julho/1988 a agosto/1989, com um número inicial de 60 crianças de 0-1 ano (35 meninos e 25 meninas), inscritos no Programa de Saúde da Criança do Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública, São Paulo. Trinta e uma tinham menos de 6 meses (15 dias a 5 meses e 29 dias) e vinte e nove tinham entre seis e 12 meses (de seis meses a doze meses e vinte e nove dias) (Tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização dos sujeitos pesquisados, segundo idade no início do estudo e sexo

Idade em meses Sexo \	0 --! 6m		6 --! 12m		TOTAIS	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Masculino	20	57,14	15	42,85	35	58,3
Feminino	11	44,0	14	56,0	25	41,7
Totais	31	51,6	29	48,4	60	100,0

A maior parte das crianças (45%) recebeu quatro visitas domiciliares, ao longo de um ano. Trinta e nove crianças (65%) completaram o período de um ano de observação, algumas com apenas três visitas domiciliares outras com cinco (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição do grupo de estudo nas visitas domiciliares realizadas.

Ordem VD	TOTAL CRIANÇAS	
	Nº.	%
Primeira	60	100,0
Segunda	51	85,0
Terceira	43	71,6
Quarta	35	58,3
Quinta	8	13,3

2.1.2. Procedimento

O acompanhamento longitudinal no domicílio utilizou alguns roteiros de observação: Ficha de Acompanhamento de Desenvolvimento do Ministério da Saúde (anexo 1); Procedimento para observação dos "organizadores da psiquê" segundo Spitz (anexo 2); Roteiro para observação do ambiente familiar (anexo 3); Anamnese da criança e da família (anexo 4); Roteiro de entrevista com mães quanto ao sentido atribuído ao desenvolvimento infantil (anexo 5); Roteiro de observação da relação mãe-criança (anexo 6); Roteiro para retorno de Visita Domiciliar (anexo 7).

A escolha do grupo de estudo foi efetuada após a definição de algumas variáveis de inclusão que buscavam garantir alguma homogeneidade ao grupo.

Foram incluídas todas as crianças dentro da faixa etária programada desde que fossem: residentes no sub-distrito de Vila Madalena, suas mães ou responsáveis aceitassem participar da pesquisa,

e fossem clientes de médico pediatra do Centro que tivesse aceitado participar da pesquisa. Foram excluídas da amostra as crianças que mudaram da área geográfica prevista; as crianças cujas mães ou família solicitaram sair da pesquisa e as crianças que mudaram para um médico não participante da pesquisa.

O total de avaliações para cada instrumento variou em função do número de crianças por visita, em função do uso diferencial de cada instrumento e em função da impossibilidade de observação quando a criança estava dormindo ou ausente, por exemplo (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de procedimentos de avaliação efetuados por visita domiciliar realizada.

Tipo de Procedimento	VD					TOTAL	
	1.VD	2.VD	3.VD	4.VD	5.VD	Realizado (a)	Esperado (b)
Anamnese da Criança	60	-	-	-	-	60	60
Anamnese da Família	60	-	-	-	-	60	60
Observação do Ambiente	58	43	36	34	7	178	240
Observ. da Relação Mãe-Criança	36	43	41	35	7	162	120
Observ. organiz. Spitz	37	36	32	33	6	144	120
Avaliação do Desenvol. (ficha MS)	1	49	43	35	9	137	180
TOTAL	252	171	152	137	27	741	780

Os dados utilizados na pesquisa atual foram colhidos: na Anamnese da Criança, na Anamnese de Família; no Roteiro para Retorno de V.D.; Roteiro para observação do ambiente familiar, Roteiro para observação da Relação mãe-criança. Ocasionalmente, foram consultados os registros nas as Fichas do Ministério da Saúde colhidas em V.D..

Devido ao número variável de visitas a cada criança, à variação dos instrumentos aplicados em cada idade e ao tipo de coleta dos dados específicos utilizados na presente pesquisa, obtivemos um número diverso de crianças em cada um dos aspectos estudados, o que resultou em um N variável nas tabelas a serem apresentadas; em consequência disso só foi aplicada estatística em uma parte dos dados onde havia um N compatível.

2.2. A pesquisa sobre o Modo de vida !Kung

A partir do levantamento bibliográfico foram descritos os seguintes aspectos sobre o modo de vida !Kung: onde vivem, como vivem, a casa, o que possuem, a organização social, o trabalho, os instrumentos de trabalho, o parto, o sistema de cuidados, o desmame, o sedentarização e suas consequências no modo de vida.

3. O MODO DE VIDA !KUNG

3.1. Onde vivem

Os !Kung vivem no deserto de Kalahari, (Botswana e Namíbia) no Sul da África, desde 10.000 a 50.000 anos.

3.2. Como vivem

Durante a estação úmida de verão, de outubro a maio, pequenos bandos forrageadores constroem modestos acampamentos temporários entre os bosques de noqueira-mungongo, deslocando-se para novos refúgios depois de algumas semanas. Cada bando é constituído por cerca de seis famílias, alguns aparentados por laços consanguíneos ou de casamento. Seriam cerca de trinta pessoas, um "número mágico" da vida de caçadores-coletores, que parece ser a combinação mais favorável de adultos e crianças para explorar os alimentos vegetais e animais dos quais vivem.

3.3. A Casa

O espaço é comum, sem privacidade, uma vez que os abrigos temporários são construídos com abertura para o centro da tribo.

Cada família tem um pequeno abrigo que, na estação das chuvas, é feito de varas compridas, recurvadas, formando uma estrutura parecida com uma abóbada, que, depois, é coberta com capim e folhas (LEAKY, 1978). A fornalha, indispensável, é o centro da vida familiar; nela, o alimento é preparado e ingerido.

As cabanas são geralmente dispostas numa espécie de círculo grosseiro, formando uma área central comunitária, local para a dança e para a primeira divisão da carne de um animal de grande porte. Não existem áreas separadas para moradias e "oficinas". As pessoas vivem, trabalham e se divertem próximas entre si. A fornalha de qualquer um pode se tornar o centro. Não existe pessoas "especialistas". Tudo pode ser feito por qualquer um.

Quando chegam os meses secos do inverno, os !Kung se congregam ao redor de uma fonte de água permanente, em concentração de cem ou mais pessoas. É a fase "pública" de suas vidas, com intensa socialização onde ocorrem danças de transe e de cura em grande escala, práticas de iniciação, atividades de contar histórias, troca de presentes (não há comércio) e intercâmbios matrimoniais.

3.4. *O que possuem*

Os grupos forrageadores possuem muito pouco em forma de cultura material, em consequência de suas necessidades de mobilidade.

Quando os !Kung se deslocam, levam todos os seus pertences, num total de 12 kg. Os !Kung carregam sua cultura em suas cabeças e não nas suas costas, na forma de canções, danças e estórias. Ela envolve poucos bens: além dos instrumentos musicais e dos colares que são feitos de cascas de ovos de avestruz, suas armas e seus instrumentos de trabalho.

Os caçadores-coletores não armazenam suprimentos. NEEDHAM (citado em LEAKEY, 1978) escrevendo em 1954, afirmou que parece que essas culturas possuem "confiança na capacidade do meio ambiente em sustentá-las e em sua própria habilidade em extrair dele a sua subsistência".

3.5. *A organização Sócio-Cultural*

Acumular provisões seria contrário ao hábito !Kung de compartilhar alimentos. A rede de partilha e de obrigações é muito intensa entre os !Kung. O ato de compartilhar permeia profundamente o comportamento e os valores coletivos dos !Kung, dentro da família e entre as famílias, e se estende até as fronteiras do universo social, sendo a reciprocidade central na conduta da vida social. Esta ética do compartilhar é ensinada às crianças como valor essencial desde o nascimento. Da mesma vertente, decorre um grau surpreendente de igualitarismo. Os !Kung não possuem chefes ou líderes.

Não obstante a baixa densidade populacional geral - havendo em média uma pessoa por 4 km² - os acampamentos são uma densa

concentração de seres humanos. As conversações são abertas a todos e as disputas são prontamente esmorecidas por meio de zombarias do grupo. Ninguém dá ordem ou as recebe. Cada um é seu próprio chefe.

3.6. O trabalho

Existe divisão sexual de trabalho, onde os homens caçam e as mulheres coletam, sendo que, nessa atividade, os homens gastam 21 horas semanais e as mulheres, 12. Há bastante tempo livre para o lazer.

Homens e mulheres têm os mesmos direitos e status social, talvez porque a carne contribui com 30 a 40% da dieta diária, sendo os vegetais a principal fonte de alimentos.

Os homens não adquirem prestígio ou status diferenciado devido a seus talentos. Há um culto à modéstia.

3.7. Os instrumentos de trabalho

Vasilhas de cascas de ovos de avestruz ou sacos feitos de estômago de animais são utilizados para carregar água, e "Kaross", sacos feitos de pele de antílope para carregar sementes, frutos, raízes e nozes, junto com o filho.

O que impressiona nos instrumentos usados para a caça e a coleta é a sua simplicidade. Para caçar, um pedaço de pau, arco e flecha, varas para cavar e sacolas reticuladas feitas de tendões de animal. Para a coleta: vara de cavar, um recipiente, pedras para triturar. Em contraste com o tosco equipamento, a habilidade requerida para a caça e coleta é prodigiosa.

3.8. O Parto

As mulheres !Kung dão à luz uma vez a cada três ou quatro anos, não existindo controle médico da gravidez, parteiras,

etc. Às primeiras contrações, a mãe deixa a aldeia sozinha ou acompanhada de uma ou mais mulheres, retornando à aldeia com o bebê.

Os bebês nascidos com uma diferença de 30 meses de seu irmão são desejados por todos. Caso haja um nascimento antes desse prazo, pode ocorrer infanticídio, pois não seria possível à mãe cuidar e carregar dois bebês ao mesmo tempo.

3.9. O sistema de cuidados: a relação mãe-criança

O bebê fica em contato permanente com a pele da mãe em uma manta de pele de antílope dependurada no ombro, o "Kaross", mamando quando tem vontade (de 2/2 horas, aproximadamente). O desmame ocorre com o nascimento do irmão ou entre 5 e 8 anos.

Um resultado do espaçamento entre nascimentos e da característica dos acampamentos !Kung serem pequenos e isolados é que os bebês raramente ficam sem a supervisão de adultos. A área central, em torno da qual as cabanas das famílias estão agrupadas, não tem grama ou arbustos, nem qualquer obstrução à visão. O bebê nasce dentro desta rede social rica.

A mãe reage à micção ou defecação sobre o seu corpo ou sobre as suas roupas, durante os primeiros meses, simplesmente com limpeza.

O tempo entre os sinais de agitação do bebê e a amamentação, durante o primeiro ano, é cerca de seis segundos.

Quando não está dormindo, o bebê fica sentado no colo da mãe, de outro adulto ou criança, interagindo face a face. Graças à economia de subsistência e à estrutura resultante do bando, outras pessoas estão quase sempre disponíveis.

A forma de carregar, tanto permite olhar a mãe quanto ter o seu ponto de vista. Assim, o bebê participa, desde o início,

das atividades produtivas, primeiramente como um "espectador" e mais tarde, como um "imitador".

3.10. O Desmame

O processo de autonomia é iniciado e desenvolvido pelo bebê. O bebê se afasta da mãe, assim que tem mobilidade, usando a mãe, que permanece sentada no mesmo lugar, como uma base para exploração. O bebê passa gradualmente de um apego intenso com a mãe para um contexto receptivo de um grupo de crianças, cujas idades variam, desde coetâneos até adolescentes.

O processo de desmame do seio começa quando a mãe descobre que está novamente grávida, sendo determinado pela mãe, e o desmame de carregar, quando nasce o irmão. Esse processo resulta num período prolongado de comportamento agitado e depressivo (KONNER, 1977).

3.11. A sedentarização

Devido ao contato e influência de outros grupos étnicos (YELLEN, sem data) muitos !Kung tornaram-se sedentários. Atualmente constroem cabanas permanentes, de forma arredondada, com palha cobrindo o teto e as paredes lateralmente até o chão sobre uma estrutura de bambus ou equivalentes. Incorporaram o pastoreio e a agricultura ao mesmo tempo que trabalham a soldo para outros grupos étnicos.

Segundo YELLEN (sem data), o sistema social adaptado para um modo de vida altamente móvel como o de caça e coleta se torna sujeito a severas pressões sob condições alteradas. Conta Richard Lee (cit.in LEAKEY, 1978) que os !Kung estão atravessando uma contradição fundamental na transição entre o *compartilhar* e o *economizar*, isto é, a administração prudente de recursos. O poder está passando a ser prerrogativa dos homens e os produtos da criação são vendidos, dando

acesso à economia monetária, enquanto os produtos agrícolas das mulheres destinam-se à subsistência.

Está havendo uma definição mais rígida dos papéis sexuais. Há tendência a acumular riqueza material na forma de roupas e outros "bens de consumo". A criança está sendo encarada como um trabalhador em potencial e surgem os jogos diferenciados de "meninos" e "meninas". Há acentuada elevação da taxa de natalidade, com um espaçamento de dois anos e meio entre nascimentos. Houve um aumento do sentido de propriedade e da preocupação em defender e vigiar a terra que cultivam.

Enquanto coletores-caçadores os !Kung podiam prescindir de autoridade judicial reconhecida, inclusive porque resolviam conflitos mudando de grupo (YELLEN, sem data). Quando a disputa é sobre assuntos de terra, isso é impossível. Suas crenças igualitárias impedem o surgimento de um chefe ao mesmo tempo que o seu sistema não pode ser mantido sem um. Pessoas de outros grupos étnicos assumem tal função e, com isso, os !Kung são vistos como incompetentes, ocasionando relações de dependência. Segundo esse autor, a assimilação ocorreu não por imposição de outros grupos mas porque o próprio contato engendrou fraquezas internas na sociedade Basarwa (nome dado aos povos que usam uma das línguas Khoi ou San, que incorpora "cliques" implosivos como fonemas). Conclui, parafraseando uma analogia biológica: muitos grupos Basarwa não estavam pré-adaptados para a transição da caça e coleta para um modo de vida não forrageador mais sedentário.

4. O MODO DE VIDA DE V. MADALENA

4.1. O Bairro

A pesquisa foi realizada em São Paulo, uma cidade de 18.000.000 habitantes, o maior centro urbano de um país em desenvolvimento, o Brasil, dentro de um sistema de produção capitalista.

A cidade, pelo seu potencial econômico, atrai muitos migrantes de regiões menos desenvolvidas do país.

O Centro de Saúde a partir de onde foi realizada a pesquisa serve ao sub-distrito de Vila Madalena, o que compreende V. Madalena, Cerqueira César e Jardim América. As crianças objeto de nosso estudo habitavam em V. Madalena e Cerqueira César.

Vila Madalena e Cerqueira César são bairros contíguos, próximos ao Centro; contam com todas as benfeitorias de saneamento básico e serviços públicos na área de Saúde e na de Educação.

No entanto, são bairros muito distintos entre si, no que se refere à taxa de ocupação do solo e do tipo de moradia e forma de ocupação.

Cerqueira César é um bairro bastante verticalizado e comercial, com vias públicas de tráfego pesado, cortado por uma das grandes avenidas da cidade, a Av. Rebouças.

Já Vila Madalena é um bairro ainda com muitas casas, com uma estrutura viária em forma de malha, de um lado, e, de outro, de um arruamento em curvas devido ao solo acidentado da região.

Vila Madalena é um bairro em transformação. Antigas casas de pequenos proprietários estão sendo substituídas por prédios modernos, habitados pela classe média e classe média alta.

Encontram-se em Vila Madalena desde favelas até apartamentos de alto luxo, como também pequenos proprietários, cortiços etc..

Há, ainda, em Vila Madalena, um clima de cidade de interior, que tem atraído para a região um certo tipo de habitante "contestador" que, contudo, não participou de nossa pesquisa: profissionais liberais, artistas, naturalistas, etc.

Cerqueira César é um bairro de metrópole de cidade grande onde os vizinhos não se conhecem e a vida pessoal se dá intra-muros.

Neste bairro não há favelas, mas há cortiços e habitações de má qualidade. Embora ainda haja pequenos proprietários na região, basicamente o universo de nossa amostragem nesse bairro consistiu de migrantes alugando moradias de má qualidade.

4.2. Os Tipos de Casas

Os tipos de casas estudadas foram classificados em: *casa de frente*; *casa de fundo*; *casa de frente familiar*; *casa de fundo familiar*; *aglomerado familiar*; *apartamento de um quarto*; *apartamento de dois quartos*; *apartamento de zelador*; *empregada doméstica*, *barraco*; *cortiço-casarão* e *cortiço-corredor* (Figura 1).

Podemos descrever a nossa amostra como morando basicamente em casas (80%), já que apenas 20% morava em apartamento. Todas as moradias, exceto uma (1,7%), eram de alvenaria. Essa exceção era um barraco cujas paredes eram de madeira.

Cerca de 26,3% eram proprietários, enquanto 10% eram zeladores e 6,7% eram empregadas domésticas; os restantes 57% alugavam os imóveis onde residiam.

A questão de ser proprietário estava intimamente relacionada ao contexto familiar no nosso universo, dado o fato de a população que

FIGURA 1: TIPOS DE CASA, VILA MADALENA, SAO PAULO, 1991

utiliza os serviços do Centro de Saúde ser de baixa renda. Além disso, pelo fato de pesquisarmos crianças de 0-1 ano de idade, a faixa etária dos pais era relativamente jovem (cerca de 30 anos para o homem e 27 anos para a mulher). Nessas condições, a única maneira de ser proprietário era habitar a casa ou o terreno dos pais. Um outro modo de ser "proprietário" era ser favelado, mas não tivemos nenhuma criança habitando nessas condições.

O modo de habitar familiar predominante foi atrás da moradia de algum familiar, geralmente da mãe (50%). A habitação matrilocal predominou e no caso (33%) de ser patrilocal, o fato frequentemente foi fonte de conflito nora-sogra. Em todos os casos de moradias familiares, o avô da criança já havia falecido, restando a avó ou tia.

As casas de frente familiares (8,3%) foram situações transitórias como no caso de doença grave com deslocamento da família para a casa com melhores condições físicas ou de coabitação temporária com outros familiares por um dos grupos familiares se encontrar desalojado.

O aglomerado familiar (8,3%) é um terreno onde estavam várias casas de pessoas aparentadas entre si. Este tipo de moradia está desaparecendo, devido à expansão imobiliária: dos cinco aglomerados, dois estavam em fase de desocupação por já terem sido adquiridos por companhias construtoras.

As casas-sobrado de frente (8,3%) tenderam a ser um pouco melhores quanto às dimensões, tipo de construção, insolação, etc., do que as de fundos.

As casas de fundos (16,7%) estavam dispostas em corredores, ou atrás de casas de frente, mas tinham entradas independentes. As paredes eram independentes ou geminadas, e os banheiros, privativos, internos ou externos.

Cortiço-casarão é uma casa em que os quartos são ocupados por uma ou várias famílias. Cortiço-corredor é uma sequência de quartos ocupados por uma ou mais famílias. Em ambos os casos, os banheiros e o tanque são coletivos.

O cortiço-corredor predominou sobre o cortiço-casarão: (13,3%, para 6,7%). Dos casos pesquisados, 20% moravam em cortiço. Eram migrantes e tendiam a morar coletivizados, devido à chegada de parentes que iam se alojando nos quartos. Foram as piores condições de habitação em razão do tamanho exíguo dos cômodos com relação às funções e número de moradores, e devido às condições físicas de ventilação, iluminação, insolação e umidade. Os banheiros, tanques de lavar roupa e pias de cozinha eram exteriores e comuns, o que podia gerar conflitos entre os moradores. Não havia espaço externo para as crianças brincarem, a não ser a rua. Conforme a qualidade de relação entre os vizinhos, as condições de vida podiam melhorar ou piorar consideravelmente, dada a intensidade de contatos e a falta de privacidade que este tipo de habitação determinava.

O cortiço-casarão apresentou piores condições do que o cortiço-corredor, por estar instalado em zonas deterioradas socialmente, com péssimas condições sanitárias e de isolamento acústico, sem espaço interior e exterior.

O barraco foi a pior habitação quanto ao que foi denominado pela pesquisadora de "pobreza": não havia nem cama, nem móveis, apenas caixotes.

Havia quatro empregadas domésticas habitando quartos de empregada, sendo um interno à casa e um sem quarto: a área de serviço foi subdividida por um armário atrás do qual foi colocado um colchonete sobre o chão, no qual dormiam mãe e filho.

Os apartamentos eram construções mais padronizadas. Do número de seus cômodos, com relação ao número de moradores, pode-se

deduzir certas condições de habitação, concordando com PROST (1992) para quem mudanças quantitativas no modo de morar acarretam mudanças qualitativas. Para esse autor, mais espaço em casa significa outro espaço e outro modo de viver em casa. De fato, os apartamento com 2 quartos (6,7%) apresentavam condições *muito* melhores do que os de 1 quarto (3,3%), não apenas pela condição material do alojamento, mas também pela condição econômica de cada família. Na nossa população, a melhor condição econômica manifestou-se no aluguel de apartamentos de dois quartos e de sobrados de frente de dois quartos (1 casa). Isto porque tratava-se de casais economicamente produtivos e com condições de alugar imóveis melhores, enquanto os imóveis familiares estavam na posse de viúvas que não trabalhavam mais, ou seja, em condições econômicas piores do que estas famílias.

Finalmente, foi categorizado "apartamento zelador" (6 casos: 10%) não apenas pela alta frequência desse grupo profissional/habitacional na população estudada, mas também por certas condições específicas deste tipo de ocupação/moradia.

4.3. Indicadores para análise do interior da casa

Além do tipo de moradia, outros indicadores foram sugeridos a partir da pesquisa, de forma a fornecer um quadro de como habita a família. Os indicadores propostos para analisar o interior da casa são: *segurança; condições físicas; índice de aglomeração; índice de comodidade; índice de privacidade; índice de intimidade.*

As condições de segurança são fundamentais, quando se considera que a função primordial da casa é proteção, quer das condições climáticas, quer de invasores/predadores. A casa, basicamente, é um lugar de repouso, onde é permitido abandonar as defesas e o estado de alerta. Nesse sentido, as condições de insegurança podem indicar perturbações tanto na vida das pessoas, como no desenvolvimento infantil.

As casas foram classificadas como segura/insegura, segundo os seguintes indicadores: *condições "físicas"*: telhado ruído; escadas perigosas; aclives perigosos; dificuldade de acesso; *condições "sociais"*: vizinhança perigosa (segundo relato dos pais); *condições "saúde"*: cachorro bravo, ratos, esgotos abertos. De uma maneira geral, foi considerado inseguro tudo o que punha em risco, quer física quer socialmente, a vida da criança e/ou da família. A presença de uma única condição de insegurança foi suficiente para categorizar a casa como insegura. A avaliação da insegurança foi feita segundo um critério subjetivo baseado numa percepção objetiva de um risco.

Dos casos pesquisados, 19 (31,67%) foram considerados "inseguros" e 41 (68,43%) como seguros (Figura 2).

As *condições físicas* foram classificadas quanto a; *aeração**, *insolação***, *umidade**** e *luminosidade***** em: tendência favorável ou tendência desfavorável (Figura 2).

Essa forma de classificar visou fornecer uma indicação da qualidade do meio físico. Dos casos pesquisados, 57% apresentaram tendência favorável e 43% tendência desfavorável quanto à condição física. Uma única condição desfavorável foi suficiente para a casa ser classificada como "desfavorável". O critério, subjetivo baseou-se na percepção objetiva de ausência de janelas, presença de bolor, de escuridão, etc.

Vários índices surgiram da observação das casas. O *índice de "aglomeração"*, densidade, ou "confinamento" é o índice usualmente

**Aeração*: a presença ou ausência de janelas permitindo a ventilação da casa

***Insolação*: a presença ou ausência de sol sobre a casa

****Umidade*: a presença ou ausência de bolor nas paredes e/ou na qualidade úmida do ar. Em caso de dúvida pediu-se ao morador sua avaliação

*****Luminosidade*: a presença ou ausência de luz natural

FIGURA 2: INDICADORES E CATEGORIAS DO MODO DE MORAR,
VILA MADALENA, SAO PAULO, 1.991.

utilizado em estudos demográficos e de psicologia social (TASCHNER, 1982), quando se pretende estudar populações de baixa renda. O índice proposto por Chombart de Lauwe (citado em TASCHNER, 1982), para a relação habitante/cômodo além do qual ocorreria doença mental é 2,5 habitantes por cômodo habitável. (TASCHNER, 1982) O limite crítico além do qual ocorreria confinamento é 2 pessoas por cômodo habitável, sendo que crianças de até 1 ano de idade não são computadas e de 1 a 12 anos são "meia-pessoa". (Para uma discussão mais completa deste índice, ver TASCHNER, 1982)

O índice obtido foi 1.36 pessoa/cômodo. Contudo, 23,3% têm um índice de 2.5, acima do adequado para a saúde física e psíquica (Figura 3).

Outro índice utilizado por demógrafos e arquitetos é o índice de comodidade (TASCHNER, comunicado particular, 1990), representado pelo tipo de banheiro: privativo, interno ou externo, e coletivo (Tabela 4).

TABELA 4 - Tipo de banheiros das casas de V.Madalena, S.P., 1991

Tipo de banheiro		%
coletivo	16	26,7
privativo externo	11	18,3
privativo interno	33	55,0
TOTAL	60	100

Este índice é um instrumento útil para detectar alguns aspectos do modo de morar. O fato de o banheiro ser privativo ou não, interno ou externo, discrimina não apenas condições materiais e econômicas, mas também tipos de habitação e de modo de morar. No caso de ser uma casa de fundos com o banheiro externo, por exemplo, pode-se supor condições materialmente piores do que uma com banheiro interno, quanto ao tipo de construção e condições de conforto.

FIGURA 3: FREQUENCIA DE MORADORES POR COMODO,
VILA MADALENA, SAO PAULO, 1.991.
(Indice de aglomeracao)

O conforto, ao lado da proteção, pode ser pensado como outro dos requisitos básicos de uma casa. Embora a noção de conforto varie com a época e valores, a casa está planejada para "confortar" as pessoas, isto é, promover condições climáticas estáveis, luminosidade suficiente e adequada, objetos que facilitem as funções orgânicas básicas da alimentação, reprodução, repouso e eliminação: ou seja, luz, água, móveis, banheiro, paredes, teto e assoalho. O banheiro é um índice de outros índices de conforto.

Dois novos índices foram por nós criados, a partir da observação das casas: o *índice de privacidade*, obtido a partir da relação cômodos-portas, e o *índice de intimidade*, obtido a partir da relação pessoas-cama (Tabela 5). A cama de casal foi computada duas camas; no caso do casal dormir numa cama de solteiro, foi computada uma cama.

TABELA 5: índices de privacidade e de intimidade das casas de V.Madalena, S.P., 1991

	portas	cômodo	índice	índice esperado
índice de privacidade	67	103	0,65	> 1
	pessoas	camas		
índice de intimidade	264	163	1.62	> 1

Esses índices indicam que quase metade das casas não possuía portas separando os cômodos e que havia uma proporção de 1.6 pessoas por cama.

4.4. Categorias para análise da casa

Todo grupo familiar ocupa um espaço de características Variáveis: grande ou pequeno, estável ou instável. O espaço habitável está sub-determinado por variáveis econômicas, demográficas, sociais e

psicológicas. No entanto, concomitantemente, a representação espacial da casa permite *meios objetivos* de estudar fenômenos sociais e mentais. Cada família concebe seu espaço de forma diferente e o estudo desta dimensão pode nos dar dados sobre a organização *consciente e inconsciente* do grupo. O espaço nos permite recuperar dimensões psicológicas e, neste sentido, pode ser considerado como *linguagem*, desde o estudo pioneiro de Hall (1989).

O modo de morar resulta basicamente de soluções dadas pela espécie para garantir a *sobrevivência* dos membros e de seus descendentes. Ele responde a vários tipos de solicitações e pode ser visto como *soluções encontradas pelo grupo sócio-familiar para os problemas colocados pela sobrevivência*.

Podemos considerar a moradia de uma família como uma manifestação ordenada, segundo uma *estrutura semiótica profunda*. Essa estrutura pode ser compreendida como ocorrendo em torno de "termos" e da relação existente entre eles. Os termos, para serem captados, têm algo em comum e, ao mesmo tempo, de diferente: é o "eixo semântico". "A significação pode se ordenar num modelo quadripolar articulado pela oposição de dois eixos semânticos" (GREIMAS, cit. in BERENSTEIN, 1988, p.199).

A partir das diferenças observadas nas casas visitadas propomos dois eixos semânticos para o estudo das casas: o eixo organização - não organização e o eixo coletivização - privatização

Todo espaço social tem algum tipo de organização. O eixo organização - não organização está refletido em vários termos, tanto espaciais,

quanto temporais. No que se refere ao presente estudo, está baseado em duas categorias: ORDENAÇÃO e ARRUMAÇÃO.

A ordenação é a *disposição por funções*, ou seja, a separação e classificação das diversas funções a que serve a moradia: alimentação, repouso, socialização, higiene, procriação, etc. Esta separação pode ser feita quer por marcos "fixos", (geralmente paredes), quer por marcos "móveis", (cortinas), quer por marcos "invisíveis", que resultam da própria disposição dos objetos no espaço, delimitando ou não áreas funcionais.

A arrumação é a classificação e disposição das atividades e dos artefatos, de acordo com um plano espacial uniforme, consistente, ou previsível. Refere-se a aspectos mais "superficiais" do que a ordenação, geralmente ao que se denomina "ordem" e "limpeza".

O eixo coletivização - privatização implica no tipo de organização familiar e propomos que seja aferido a partir dos seguintes índices, dado a coletivização poder ocorrer tanto em função do índice de aglomeração quanto de famílias ampliadas:

1. relação moradores/cômodo: igual ou acima de 2.5 é por nós considerado um indicadores de coletivização (ver TASCHNER, 1982);

2. relação famílias/casa: mais do que uma família por casa é um indicador de coletivização;

3. relação casa/casa: a vizinhança intra-muros com familiares é indicador de coletivização.

A casa pode ser classificada por *ordenação* em (Tabela 6 e Figura 2):

ordenadas (32*): locais específicos para funções específicas

não ordenadas (13): ausência de locais específicos para funções específicas

semi-ordenadas (12): tipo intermediário: ao lado de uma estrutura com ausência de delimitação por funções, os moradores "sinalizam" essas funções através de limites "móveis" ou "invisíveis". Ex.: um cortinado separando o "quarto" do bebê do dos pais ou o arranjo do quarto de modo a identificar o quarto dos pais e o "cantinho" do bebê; o arranjo em que estão dispostos a "sala", o "quarto", a "cozinha" em cantos de um mesmo cômodo.

TABELA 6: Classificação por categoria de ordenação das casas de Vila Madalena, S. Paulo, 1991.

	N	%
Ordenadas	32	53,3
Não ordenadas	13	21,7
Semi-ordenadas	12	20,0
Não classificada	3	6,0
TOTAL	60	100

Quanto à arrumação, as casas foram classificadas em (Tabela 7 e Figura 2):

arrumada (48): impressão geral de ordem e limpeza

não arrumada (12): impressão geral de desordem e sujeira ¹¹

*Os números entre parênteses indicam a quantidade de casas classificadas na categoria.

¹¹Esta categorização implica em uma captação imediata de uma ordenação ou não principalmente dos objetos, segundo um princípio lógico. Quanto à sujeira, refere-se a uma condição endêmica de acúmulo de detritos e não a um estado passageiro. Houve um acordo de 100% entre dois juizes visitando as mesmas casas (30). A categorização é mantida dicotômica para diferenciar tipos extremos e não para discriminar diferenças no contínuo que a categoria implica.

TABELA 7: Classificação por categoria de arrumação das casas de Vila Madalena, S.Paulo, 1991

	Nº	%
Arrumada	48	80
Não arrumada	12	20
TOTAL	60	100

Das 12 casas "não arrumadas", 7 são "não ordenadas", das 48 "arrumadas", 28 são ordenadas, e das 12 com índice de ordenação, 11 são arrumadas (Tabela 8). Agrupando-se casas ordenadas e semi-ordenadas obteve-se uma associação altamente significativa entre arrumação e ordenação (Fisher, $p=0,003$).

TABELA 8: Correlação entre as categorias de "ordenação" e "arrumação" das casas de Vila Madalena, S.Paulo, 1991

ordenação \ arrumação	arrumada	não arrumada	não classificada	Total
Ordenadas	28	4		32
Semi-ordenada	11	1		12
Não ordenadas	6	7		13
Não classificadas			3	3
TOTAL	45	12	3	60

Quanto à coletivização, as casas foram classificadas em (Tabela 9):

- coletivizados (21):
1. moradia com índice morador/cômodo igual ou acima de 2.5
 2. moradia com vizinhos familiares intra-muros
 3. mais do que uma família morando na mesma casa
 4. empregada doméstica

semi-coletivizadas(9): casas onde moram membros de mais de uma família na mesma casa ou casa de frente ou de fundos familiares desde que não atinjam o índice morador/cômodo igual ou acima de 2,5.

privatizados (25): habitadas pela família nuclear.

No eixo contínuo da coletivização, a categoria COLETIVIZADO implica que há um modo de vida coletivizado em oposição a um modo de vida privatizado, sendo a categoria SEMI-COLETIVIZADA intermediária entre os dois.

TABELA 9: Classificação por categoria de coletivização das casas de Vila Madalena, S.Paulo, 1991

	No	%
Coletivizado	21	38,19
Semi-Coletivizado	9	16,36
Privatizado	25	45,45
TOTAL	55	100

Pode-se observar uma associação inversa entre *coletivização* e *ordenação*, agrupando-se as casas *privatizadas* e *semi-privatizadas* e *não ordenada* e *semi-ordenada* ($\chi^2 = 12.43$, $p = 0.01$).

Além destes dois eixos semânticos, propomos outra categoria de análise: os ENFEITES. Os enfeites foram definidos como os objetos não-utilitários presentes nas casas, quer dispostos nos móveis, quer dispostos nas paredes.

Foram categorizados por *quantidade*: *ausentes* - *poucos* - *alguns* - *muitos*. Essa categorização foi relativa ao tamanho da casa, ou seja, foi proporcional e não absoluta. Referiu-se, portanto, à relação número de enfeites/tamanho do cômodo e não ao número total de enfeites. Havia 15 (27,27%) *muito*, 8 (14,55%) *médio*, 20 (36,36%) *pouco* e 12 (21,82%) *ausente*. Por exemplo: em um único cômodo, havia plantas, passarinhos, enfeites de barro, fotos de família, fotos de jogador de futebol, posters, toalhinhas, calendários, quadros com motivos

infantis: classificação: muitos; em uma casa com três cômodos, havia um poster: classificação: ausente.

Além disso, os enfeites foram multi-classificados quanto à qualidade: *arte* (24): ex. reproduções artísticas; *família* (20): ex. retratos; *religião* (20): ex. imagens de santos; *infantil* (19): ex. bichinhos e enfeites próprios a crianças; *cultura* (17): ex. discos livros; *vivos* (12): ex. plantas; *valor* (8): ex. objetos de prata, etc; *tecido* (8): toalhinhas, almofadas; *origem* (3): ex. escultura de barro do nordeste; *esportivo* (2): ex.: fotos de jogadores.

4.5. Síntese: O Modo de Morar em Vila Madalena

Pode-se traçar uma *tipologia* do modo de morar, associada ao tipo de casa.

As *casas familiares* implicam em modos coletivizados de vida, em maior ou menor grau, em que formas variadas de família extensa e/ou clãs continuam existindo.

As *casas não familiares* tendem a ser de famílias nucleares, com uma grande diversidade de tipos. As casas de frente tendem a ser melhores como condição física, econômica e pela relação morador/cômodo. Esta última relação pode fornecer um índice do padrão de vida dos moradores.

Os *cortiços* implicam em condições precárias de moradia, sendo uma opção, ou de migrantes, ou de pessoas para quem a localização, provavelmente a proximidade ao trabalho, é fundamental.

O tipo *apartamento* varia segundo o número de quartos implicando em extratos sócio-econômicos diversos.

Quanto ao tipo *empregada doméstica com filho*, há um grau de inexequibilidade neste arranjo que ocasiona mudança, quer a saída do

emprego quer a saída da criança dada a falta de espaço para ela.

De um modo geral, pode-se dizer que, quanto ao modo de morar, as moradias de Vila Madalena são basicamente de alvenaria, subdivididas em casas e apartamentos. As casas familiares são de frente/ fundo/aglomerados. As casas não familiares são: de frente/fundo/ cortiço. Os apartamentos são: de 1 ou 2 quartos. Há 2 categorias em que a ocupação profissional implica um modo de morar: zelador e empregada doméstica.

As casas de V.Madalena se dividiram quanto a apresentar uma tendência favorável nas condições ambientais, sendo cerca de 50% desfavorável.

A maior parte das casas (55%) têm banheiros privativos o que indica um tipo de construção voltada para o conforto. Contudo, 27% têm banheiros coletivos o que é índice de ausência de conforto e 18% têm banheiro privativo externo.

Há cerca de 1.3 pessoas por cômodo em Vila Madalena, o que é razoável como índice de ocupação. Porém, 25% das casas têm um índice de ocupação acima do recomendado pela O.M.S..

Quase metade das casas não tem portas divisórias e há um índice de ocupação de 1,6 pessoas por cama, o que indica falta de privacidade e intimidade.

As casas são ordenadas por funções em 53% dos casos e na sua maioria (80% dos casos), são arrumadas. Há 20% de casas intermediárias entre organizadas-não organizadas.

O total das casas classificadas como coletivizadas foi 38,19%. Acrescidas das casas onde moram parentes ou com casas de parentes na frente, somam 54,55%, sendo, pois, superiores em número às casas privatizadas.

Finalmente, as casas tendem a ter poucos enfeites e quando ocorrem, nas categorias *família, religioso, arte e infantil*.

As casas privatizadas tendem a ser ordenadas e a ter enfeites. As casas coletivizadas tendem a ser não-ordenadas e não ter enfeites. Algumas casas coletivizadas têm muitos enfeites, aparentemente como compensação ante carências. Não ocorreu associação entre ordenação e enfeites a não ser no sentido de que casas semi-ordenadas tendem a ter enfeites enquanto casas não-ordenadas tendem a ter poucos enfeites.

4.6. O quarto de dormir

ARIÈS (1978) descreve como, no século XVII, o sentimento de infância ocorreu concomitantemente ao sentimento de família, e este, ao "chez soi": a casa demarcando o espaço privado do público. Segundo este autor, a organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo "Não havia mais camas por toda parte. As camas eram reservadas ao quarto de dormir, mobiliado de cada lado da alcova com armários e nichos. Na França e na Itália a palavra *chambre* tendeu a se opor à palavra *salle*, antes quase sinônimos. Na Inglaterra, foi especificada através de um prefixo: *dinning-room, bed-room, etc*" (p.265).

Este autor e DUBY (1990, 1991, 1992) realizaram um extenso estudo sobre o modo de vida dos gregos até hoje ressaltando como o modo de morar está intimamente relacionado ao modo de viver. DIBIE (1988) escreveu um precioso estudo etnológico sobre o quarto de dormir. Nele pode-se ler: "O homem de Neanderthal, descoberto em Shanidar, no Iraque, deitado num leito de flores, é o primeiro a dar-nos um testemunho emocionante do que foi seguramente o seu leito de morte, fornecendo-nos também a prova do cuidado daqueles homens com o repouso, ainda que fosse o eterno" (p.16).

Estudos comparativos (JOUVET, 1978) mostram que a questão do sono e do sonho está intimamente relacionada à segurança: o estado do sono paradoxal, onde o sonho aparece, é caracterizado por uma paralisia que só é admissível quando o animal se sente ao abrigo de qualquer agressão. A maioria dos animais sonhadores é constituída por carnívoros que dormem em segurança. Estes aspectos fizeram com que MOLES (1978) se perguntasse se não teria havido uma evolução fundamental do sono episódico no galho inseguro "ao recolhimento no quarto de janelas cerradas, na caverna fechada de todos os lados salvo numa direção"(p.161).

Em pesquisa por nós realizada (Rabinovich, 1992, no prelo) concluímos que a casa de quem não tem casa é definida pelo dormir, que seria, pois, a função mais importante para caracterizar a casa. No mesmo estudo, foi possível verificar que a falta de segurança durante o estado de desproteção que caracteriza o sono é um dos principais problemas das pessoas que moram nestas condições.

Dentro de uma perspectiva intercultural, WHITING (1981) realizou um extenso estudo psico-cultural comparativo envolvendo crianças de três continentes. Definuiu três tipos de culturas: as do berço, as da tipóia (como os !Kung) e as do braço. Conclui que há relação entre o modo como as crianças são cuidadas quando acordadas e o modo como são cuidadas quando adormecidas, atribuindo o tipo de cuidados à temperatura do mês mais frio do ano, ou seja, a questões climáticas. Verificou, além disso, que as culturas do berço e da tipóia diferem não apenas quanto ao contato físico entre mãe e criança mas também quanto à natureza de sua interação social. Enquanto na primeira haveria um tipo de relação que ele denominou "dependência ambivalente", nas culturas da tipóia haveria uma "identificação simbiótica". Aspectos da religião destes dois tipos de cultura poderiam estar relacionados ao sistema de cuidados recebidos pelo bebê.

Em função desse conjunto de informações ressaltando a importância do quarto de dormir, propusemo-nos a enfocar especialmente

dentre os cômodos da casa, aquele em que dorme o bebê. Para isto, consideramos os seguintes descritores:

a) quanto ao quarto: quarto próprio; quarto com os pais; posição do leito do bebê com relação à cama dos pais; à esquerda ou à direita da cama dos pais, alinhada ou não com a cabeceira dos pais; posição do leito do bebê com relação às paredes: no meio do quarto ou no canto; posição do leito do bebê em relação à porta: de frente à porta, do mesmo lado da porta, do lado oposto da porta; posição da cama dos pais com relação às paredes: no meio ou no canto; posição da cama dos pais com relação à porta: de frente, do mesmo lado, do lado oposto.

b) quanto ao leito do bebê: tipo: berço ou outro; leito individualizado ou com quem dorme; presença ou ausência de enfeites e brinquedos caracterizando um "cantinho do bebê". O "cantinho" aparece como um espaço próprio, delimitado e caracterizado, do bebê.

Os resultados baseados em 60 casos podem ser vistos na Tabela 10.

TABELA 10: Descritores do quarto de Vila Madalena, S.Paulo, 1991
%

		cama	berço
<i>presente</i>		100,00	80,00
<i>ausente</i>		-	20,00
localização	meio	51,50	9,10
	canto	48,50	90,90
localização da porta	frente	54,80	41,93
	lado	6,15	32,25
	oposto	38,95	25,82
localização do berço c/ rel. à cama	à direita	-	24,00
	à esquerda	-	76,00
	alinhado	-	78,12
cantinho do bebê			65,00

Enquanto 100% dos adultos tinham cama ou equivalente (colchonete), 20% das crianças não tinham lugar próprio para dormir. Essas eram as crianças em condição sócio-econômica mais desfavorecida. A ausência de berço pode ser considerada um indício de pobreza. Essa ausência indicou algumas categorias psíquicas como desleixo, rejeição ou simbiose, mas a causa principal foram dificuldades materiais que se concretizaram num movimento de mudança no ambiente, quer de casa, quer construindo outro cômodo, quer outra solução alternativa. Ex.: famílias que viviam em casas de parentes e que se mudaram após o nascimento da criança; empregada doméstica que passa a ser caseira de sítio, etc.

O fato de haver berço não significa que a criança durma nele (10% não dormiam). Neste caso, aplicam-se principalmente categorias psíquicas, isto é, apego excessivo, desmame tardio, dificuldades conjugais, etc.

No polo oposto, encontravam-se as crianças que tinham quarto próprio (10%). Nesses casos, geralmente havia uma razoável condição econômica, mesmo no caso de filho de zelador ou em uma situação congênere, porque alojamentos mais amplos ou com mais cômodos, na amostra pesquisada, significavam melhores condições salariais e de moradia. Essas crianças com quarto próprio tinham também "canto próprio".

Por outro lado, num indício de semelhanças insuspeitadas entre essas mães e as mães !Kung, houve uma tendência das crianças que dormiam em quarto próprio não ocuparem seus berços pelo menos até suas mães terem delas se desprendido e/ou vice-versa.

A maioria - 90% - não tinha um quarto próprio. As crianças que dormiam no quarto dos pais tinham seus berços alinhados com a cabeceira da cama dos pais (78,12%) e à esquerda desta (76%). Esse arranjo pareceu ser determinado pela necessidade de cuidados noturnos realizados provavelmente pela mãe, de modo que a criança se situava próxima e ao lado desta.

Não foi possível associar nem verificar nenhuma especificidade das poucas crianças cujos berços são colocados à direita da cama dos pais (24%). Pensamos que o predomínio da posição à esquerda se deve a algum costume ancestral em que a dama fica à esquerda do cavaleiro, num gesto de proteção, pois o braço liberado do homem é o direito. São três as hipóteses que nos ocorrem a respeito dos casos berço à direita: quem cuida é o pai, o pai ou a mãe são canhotos, ou, por uma questão fortuita como a organização do próprio espaço, estabeleceu-se um hábito de a mulher dormir à direita do homem.

A cama do casal geralmente estava localizada no meio do quarto (51,50%) mas podia estar também no canto (48,50%). A disposição central permitia livre movimentação dos dois lados, e a posição lateral ocorreu por falta de espaço; ou seja, quando não havia espaço suficiente, a cama era encostada num canto.

Já o berço era preferencialmente colado à parede (91%), cremos que representando uma proteção ao bebê. Embora os números não sejam conclusivos, nos três casos em que o berço ficou no meio do quarto havia alguma problemática afetiva na organização familiar como uma mãe desorganizada emocionalmente, a casa muito desarrumada, com problemas com a própria mãe que morava na casa ao lado e com o marido, ou outra mãe classificada como pouco afetiva.

A cama do casal se encontrava em geral de forma a ter uma visão da porta: 54,80% de frente para a porta e 38,93% em outro ângulo, mas com visão da porta. Apenas dois casos - 1,5% - se encontravam de costas para a porta. A explicação para este fato pode se encontrar em origens ancestrais onde o dormir tinha que levar em conta o possível ataque de um predador ou outro tipo de inimigo. A visão da porta, neste sentido, é fundamental para garantir a percepção rápida no caso de uma ação defensiva e para a fuga*.

* Na pesquisa dos "Sem casa" (Rabinovich, 1992) verificou-se a mesma disposição para dormir: a cabeceira sempre estava

O berço foi encontrado frequentemente (32,25%) na mesma parede que a porta embora preferencialmente desse visão frontal (41,93%) ou lateral (25,82%) da porta.

Embora as dimensões dos cômodos fossem muitas vezes exíguas, mal contendo os mínimos móveis necessários à família toda, pensamos inicialmente que os pais que dão visão da porta aos seus filhos possivelmente denotassem ter uma consideração mais empática com eles do que os que impedem tal visão. No entanto, estes últimos pais também se colocavam de costas para a porta, o que equivale a dizer que faziam com os filhos o que faziam consigo próprios.

Os berços que não estavam alinhados podem significar uma maior necessidade de intimidade dos pais. A mesma privacidade pode ser buscada, embora raramente, (3,33%) separando-se o quarto da criança por cortina, estante ou outro tipo de divisória.

Os móveis, muito padronizados, consistiam em camas de casal, armários e berços, algumas vezes criados-mudos ou outro móvel, camas de solteiro e beliches. Havia grande presença de tapetes.

Pode-se traçar o retrato do que seria o quarto "usual" de nossa pesquisa: é um quarto onde dormem pais e filhos, os pais numa cama de casal, o filho menor no berço, a partir de certa idade, pois até então dormiu com os pais ou dormiu no carrinho no caso de haver irmão ocupando o berço (o que é usual a não ser que seja o primogênito). Os irmãos mais velhos dormem em duplas, em camas ou em beliches. A cama de casal está no meio do quarto, de frente para a porta ou dando visão a ela, enquanto o berço do bebê está num canto, à esquerda e alinhado com a cabeceira da cama do casal. O berço geralmente tem visão da porta mas pode se encontrar na mesma parede que a porta.

enconstada na direção oposta aos transeuntes, havendo "quarto" ou não. Foi observada uma tendência a proteger a cabeça nas pessoas que dormiam na sarjeta.

A organização do quarto nem sempre corresponde ao que ocorre ao dormir; a existência do berço não significa que o bebê lá durma. Portanto, ao aspecto estático corresponde uma intencionalidade que tem de ser verificado ocorrer ou não na prática.

Esse estudo aponta para uma racionalidade no modo de arranjar o quarto, ao lado de uma emotividade que decorre do modo de usar tal disposição. Aponta também para a hipótese de que disposições arcaicas na história do homem estariam ainda presentes no momento de abandono que o sono representa. Indica também a presença de fatores sócio-econômicos e valores que determinam tanto a disposição do quarto quanto o modo de vida: há indícios de procura de privacidade, provavelmente associada a uma vida sexual ou mais rica ou pelo menos mais desejada, através de uma disposição dos móveis que de algum modo isola o casal dos filhos em contraposição a esquemas em que, apesar da presença do berço, a criança dorme com a mãe mas, na maioria dos casos o bebê dorme com ou ao lado da mãe.

*4.7. Caracterização das Famílias**

Encontrou-se, em 55 casas pesquisadas, um total de 160 adultos e 103 crianças de 0 a 12 anos, com a média de 2,91 adultos por casa e de 1,87 crianças por casa.

A idade média dos pais foi 30 anos, com variação de 18 a 47 anos, e a das mães, 27 anos, variando de 15 a 41 anos.

Havia 29 (52,72%) filhos únicos no momento da primeira visita, com idade entre 0 e 1 ano, sendo que no decorrer da pesquisa ocorreram 4 nascimentos de irmãos. Treze (23,64%) eram segundos filhos, sete (12,73%) eram terceiros na ordem de nascimento, dois

* Casamento está aqui sendo considerado como uma relação estável e compartilhada de compromisso mútuo. Foi considerado FAMÍLIA os corresidentes, em caráter não casual, sem ter vínculo empregatício

(3,64%) eram o quarto e um (1,82%) o quinto. Duas meninas ocupavam o sexto e o sétimo lugares na ordem de idade das crianças da casa devido a casamentos anteriores dos pais que tinham os outros filhos morando na mesma casa.

Havia cinco mães solteiras, 28 (78,38%) mulheres no primeiro casamento, 12,82% no segundo casamento e uma (2,56%) no terceiro.

Dos pais, 82,35% estavam no primeiro casamento e 17,65% no segundo.

Os pais apresentaram uma escolaridade média de 5,65, equivalente à 5ª série e meia e as mães a média de 6,26, ambos variando do 1º ano ao superior completo. Havia 3 pais e 1 mãe com o 1º ano; 4 pais e 4 mães com o 2º ano; 4 pais e 1 mãe com o 3º ano, 9 pais e 10 mães com o 4º ano; e pais e 4 mães com 5º ano; 3 pais e 5 mães com 6ª série; 2 pais e 5 mães com 7ª série; 4 pais e 5 mães com 8ª série; 7 pais e 5 mães com colegial e 1 pai e 3 mães com nível universitário (Figura 4).

O grupo era composto, quanto à procedência por nordestinos (44,19% dos homens e 39,13% das mulheres) sendo o segundo grupo representado por paulistas (37,21% dos homens e 36,96% das mulheres). Mineiros (9,30% dos homens e 13,04% das mulheres) foram o terceiro grupo; as demais procedências representavam 9,30% dos homens e 10,87% das mulheres.

Dentre os pesquisados, 29,09% eram proprietários enquanto os restantes 70,91% não o eram.

Havia 56,36% (31:56) famílias nucleares, 21,43% (12:56) famílias ampliadas, 14,54% (8:56) famílias com avó ou tia e 8,93% (5:56) mães solteiras.

No conjunto, podemos descrever as famílias de Vila Madalena como famílias nucleares e ampliadas de casais jovens, com 1 a 2

FIGURA 4
DISTRIBUICAO DOS PAIS SEGUNDO A ESCOLARIDADE

filhos, nível de escolaridade média, de origem nordestina e paulista, no primeiro casamento.

4.8. O trabalho

Os homens trabalhavam basicamente em trabalhos semi-especializados: pintor (6); motorista (7); marceneiro(1), tapeceiro(2); cozinheiro (2). Havia seis zeladores e sete pedreiros/porteiros. Havia cinco trabalhadores especializados (serralheiro, torneiro, soldador, técnico RX e mecânico), seis na área do comércio, dois sub-emprego (bicho e ferro-velho) e um momentaneamente desempregado (nível superior). Recebiam de menos de um salário mínimo a cinco salários mínimos.

Já as mulheres, 26 (55,32%) não trabalhavam no momento do início da pesquisa; 25,53% (12:47) eram empregadas domésticas, três (6,38%) costuravam em casa, duas (4,25%) eram professoras, uma (2,13%) assistente social, uma trabalhava no hospital, uma no comércio e outra tinha um restaurante anexo à casa.

O que caracterizou o trabalho feminino foi a permanência no lar ou a ida da criança ao trabalho. No caso disso não ser possível a mulher parou de trabalhar, ou a avó ou uma vizinha tomavam conta da criança, ou esta foi colocada em uma creche. Durante a pesquisa houve várias tentativas de arranjos como arrumar emprego em uma creche e colocar os filhos na mesma creche, como retirada da criança de creche por problemas de saúde e parar de trabalhar; ou a mãe que trabalhava como diarista e deixava a filha com a vizinha passar a tomar conta de uma criança e permanecer ela mesma em casa.

O total das mulheres que não trabalhavam, eram empregadas domésticas ou trabalhavam em casa somou 89,36% das mulheres, caracterizando funções que permitiam que permanecessem próximas aos filhos pequenos.

Os salários recebidos pelas mulheres variavam de metade do salário mínimo a duas vezes e meia o salário mínimo.

Podemos descrever o meio de subsistência das famílias como dependendo basicamente do salário masculino, mas com um número grande de mulheres quer compondo os ganhos familiares ou às vezes sustentando a casa, em situações empregatícias que possibilitassem a proximidade da criança.

*4.9. A dinâmica das relações na casa **

A dinâmica da vida relacional das famílias estava ligada a relações de parentesco (75% delas tinham relações com parentes). Apenas a metade delas se relacionava com seus vizinhos e 25% tinham alguma atividade comunitária como pertencer a uma associação religiosa, política e recreativa. Além disso, apenas 20% tinham algum tipo de lazer, exceto a Televisão.

Desse modo, as famílias tendiam a permanecer em suas casas, vendo TV e recebendo e fazendo poucas visitas a poucos parentes.

Dentro das casas, as relações tendiam a ser conflituosas (40%) embora alguns casais também se relacionassem de modo harmônico (30%). As causas dos conflitos estavam ligadas a problemas com alcoolismo, a questões envolvendo o sexo ou ciúmes, a questões envolvendo relações com parentes, etc.

A pergunta sobre se "o dinheiro dá" 75% responderam positivamente e 25% responderam negativamente. Parece ocorrer que quando havia harmonia entre o casal, o aspecto econômico era trabalhado de modo que a entrada era suficiente para os gastos, enquanto casais desequilibrados tinham também um desequilíbrio orçamentário. Fatores emocionais aparentemente co-determinam o modo como o orçamento é

* Essa análise foi feita com base em 20 famílias pessoalmente visitadas por mim

administrado. Questões envolvendo o uso de poder e hostilidade encontram respaldo e base no manejo da economia. Por exemplo: em um casal que estava em conflito grave, a mulher se queixava do marido não colaborar nas despesas domésticas; quando a situação afetiva do casal melhorou, mudaram-se para uma casa melhor e o filho foi retirado da creche para ficar perto da mãe que até então o sustentara, estando ele na creche desde o nascimento. Um outro caso dramático ocorreu quando uma criança apresentou leucemia com seis meses de idade e o pai era alcoólatra, tendo a mãe de cumprir com todas as obrigações domésticas. Esta mãe tinha, com a avó, um restaurante anexo à casa de ambas. Com a doença, arrendaram o restaurante, o pai parou de beber e a família mudou-se para a casa da avó por ser esta mais ensolarada. Em outro caso, os pais, nordestinos, moravam em um cômodo em um cortiço. O pai queria aumentar as suas reservas financeiras e em função disso três irmãos/cunhados se instalaram no cômodo. A mãe percebia isto como desamor, além de se sentir infeliz e "apinhada" em uma casa sem intimidade e com trabalho permanente para ela. Nestes três casos a pergunta sobre se "o dinheiro dá" recebeu como resposta NÃO, significando a "privação" na qual estava a mulher.

Na pesquisa sobre "A casa dos Sem Casa" (Rabinovich, no prelo, 1992) fizemos a mesma pergunta e obtivemos respostas no mesmo sentido, ou seja, uma pergunta aparentemente objetiva parece ter uma co-determinação subjetiva, baseada no sistema de trocas afetivas entre as pessoas envolvidas.

Os conflitos na área sexual decorreram de que as mães algumas vezes "preferiam" os neonatos aos maridos. Considerando-se a presumível fadiga das mulheres e a falta de privacidade das casas, a questão, para o observador, era como os casais conseguiam ter alguma vida sexual.

Os conflitos com parentes puderam ser evidenciados na relação sogra-nora, avó-mãe, embora as relações de parentesco fornecessem suporte aos casais, ou, no caso dos nordestinos, os casais

fornecendo suporte a parentes recém chegados. A obrigatoriedade da convivência, devida a fatores econômicos, tanto beneficiou quanto prejudicou quer a dinâmica do casal quer a relação com a criança. Por exemplo: a nora, segundo esposa, que morava atrás da casa da sogra, que recebia a primeira esposa como se fosse a esposa. A nora, mãe da criança, por este e outros motivos, sentia-se muito nervosa, revoltada e insegura no modo de lidar com a filha, segundo dados da anamnese da criança.

O mesmo pode ser dito da vizinhança: foi observado um ambiente comunitário agradável e positivo, onde por exemplo, à tarde todos iam à rua comer pipoca ou bolo que uma vizinha preparava; e um ambiente "carregado" como no cortiço, onde os moradores se trançam e temem uns aos outros.

Dentro das casas, observou-se que as mulheres eram as responsáveis pelos cuidados da casa, sendo ajudadas poucas vezes pelos pais (20%). Igualmente os filhos eram seu encargo, embora nesse caso os pais (30%) ajudassem mais frequentemente. Já o sustento era provido por um dos membros do casal (60%) quando o filho era pequeno, mas havia duas mães solteiras que se sustentavam e três mulheres que praticamente sustentavam a casa (25%).

Pode-se dizer que as mães detinham o poder sobre assuntos domésticos embora o poder fosse frequentemente compartilhado com o pai. O pai foi percebido como quem detinha o poder^(*) em 20% dos casos (4:20); nestes casos, foi dentro de um padrão em que a casa era da mulher e a rua era do homem. Exemplo: o homem fazia as compras e a mulher cozinhava.

Observou-se que a mulher de V. Madalena estava no mercado de trabalho, por gosto ou necessidade, com o acordo do companheiro. Cerca de metade das mulheres que não trabalhavam por ocasião da

(*) Poder, capacidade decisória, de ação e responsabilização

pesquisa já haviam trabalhado antes e muitas delas retornaram ao mercado de trabalho durante o decorrer da pesquisa basicamente para resolver dificuldades financeiras do casal mas também por outras necessidades pessoais.

5. O SISTEMA DE CUIDADOS

O sistema de cuidados é o conjunto total das ações de quem cuida sistematicamente de quem é cuidado. Ele faz parte do sistema geral de crenças. O sistema de crenças está enraizado tanto no sistema cognitivo quanto no afetivo (LEWIS, 1977) e é parte das características do modo de vida, segundo KON (1987). O sistema de cuidados pode ser um modo mais adequado de agrupar os comportamentos maternos do que o estudo de comportamentos específicos.

Duas vertentes comportamentais impuseram-se ao serem comparadas as populações de Vila Madalena e os !Kung: o sistema de aleitamento e o sistema de autonomia.

5.1. Sistema de Aleitamento

O sistema de aleitamento, conforme esboçado na Introdução, determina e é determinado por padrões bio-sócio-culturais. Ao mesmo tempo que ele traduz e implica o vínculo biológico mãe-criança, ele tem sido alvo de normatizações que variaram através dos tempos. Ele se relaciona, em geral, ao modo como são satisfeitas as necessidades da criança.

A função do apego tem sido estudada na sua relação com o aleitamento: enquanto para os etólogos o apego é uma motivação primária, para a psicanálise, seria secundário à dependência e ao aleitamento. Estudos comparativos mostraram que há relação entre a composição do leite de uma espécie, o esquema de amamentação e o fato de os filhotes serem ou não deixados em abrigos (BLURTON JONES, 1981). Em coelhos, cujo leite é muito rico em proteínas e gorduras, os filhotes são deixados em abrigos e há um período de 24 horas entre as mamadas. Na *Lepus belangeri*, cujo leite é ainda mais rico, há um espaçamento de 48 horas entre as mamadas. Nos primatas, cujo leite é pobre em proteínas e gorduras, os filhotes têm acesso constante ao mamilo e a amamentação é praticamente contínua. O leite humano é

muito semelhante ao de primatas. O bebê humano parece estar adaptado a um esquema de amamentação contínua.

KONNER (1981) acredita que o contato constante entre criança-mãe, favorecido pela amamentação contínua, mantém a criança exposta aos comportamentos de subsistência do adulto, sendo esta oportunidade de aprendizagem a consequência mais importante do apego.

Para LEAKEY (1978), a não-necessidade do aleitamento materno marcaria a ruptura biológica para a responsabilidade feminina com o cuidado da criança. Já MORRIS (1977) acredita que as qualidades herdadas de mais de um milhão de anos de evolução não podem ser eliminados de um dia para outro.

Dentro do conceito de modo de vida, podemos pensar que o aleitamento é o modo como a mãe se põe à disposição do filho. A estrutura sócio-econômica, o modo de produção, o sistema ecológico, as funções atribuídas à mulher, as crenças que suportam tais sistemas também determinam como, quanto e de que modo a mãe se relaciona com a criança além de fatores específicos à mãe, à criança e à relação. Pensamos que se trata de níveis diferentes de vários sistemas interdependentes e interrelacionados.

O sistema de aleitamento foi analisado neste estudo através das seguintes variáveis: o *motivo do desmame*: quem determinou o desmame, mãe ou criança; o *esquema de aleitamento*: o horário determinado pela criança ou pela mãe; a presença ou ausência de *rotina* na vida da criança.

A rotina é a presença de um esquema de hábitos regulares na vida cotidiana da criança. Esse indicador foi retirado da pergunta "como é a rotina", um item da Anamnese da Criança. Quando não há rotina, a resposta usual é: não há rotina. Caso contrário, a mãe enumera, em sequência temporal, as atividades usuais da criança.

5.1.1. O sistema de aleitamento em Vila Madalena

Pode-se verificar (Tabela 11) que, quando a mãe não amamentou a criança ao nascer, foi porque o recém-nascido não quis ou não pode ser amamentado, dado que nenhuma mãe declarou não ter desejado amamentar seu bebê. As mães que desmamaram até 3 meses o fizeram geralmente porque decidiram fazê-lo (em geral porque precisavam trabalhar), enquanto entre 3-6 meses foi a própria criança que determinou o desmame, segundo suas mães. A partir dos 12 meses, as mães indicaram dificuldade em desmamar os filhos: as nove mães que amamentavam ainda o faziam com as crianças próximas dos 2 anos.

TABELA 11: Relação entre idade do desmame e o motivo do desmame. Vila Madalena, S.Paulo, 1991

Motivo do desmame \ Idade do desmame	Meses					Total
	0	0-3	3-6	6-12	+12	
criança	3	1	5	2	-	11
mãe	0	11	1	2	-	14
não desmamadas	-	-	-	-	9	9
Total	3	12	6	4	9	34

* 9 crianças não tinham desmamado por ocasião do fim da pesquisa;

Pode-se observar (Tabela 12) uma relação inversa entre a idade em que se deu o desmame e o tipo de esquema de aleitamento: quanto mais cedo foi o desmame, maior a probabilidade de ter sido o horário colocado pela mãe; quanto mais tardio foi o desmame, maior a probabilidade de o esquema ter sido determinado pela criança.

TABELA 12: Relação entre idade do desmame e o esquema de aleitamento, a pedido ou com horário. Vila Madalena, S.Paulo, 1991

		Meses					
\ idade do		0	0-3	3-6	6-12	+12	TOTAL
esquema de\	desmame						
aleitamento\							
com horário		2	8	1	0	1	12
sem horário		1	2	5	2	8	18
TOTAL		3	10	6	2	9	30

Agrupando-se as crianças aleitadas até 3 meses, e as aleitadas de 3 a mais de 12 meses, obteve-se uma alta correlação ($\chi^2 = 10,46$, $p < 0,01$) entre a idade do desmame e o esquema de aleitamento com ou sem horário. Pode-se, pensar que a mãe que pôs horário desmamou cedo e a mãe que não pôs horário ou desmamou mais tarde ou não desmamou até os 2 anos de idade.

As mães que não tinham rotina (tabela 13) foram as que aleitaram até mais tardiamente (Fischer, $p=0.001$)

TABELA 13: Relação entre a rotina da criança e idade do desmame. Vila Madalena, S.Paulo, 1991.

Idade do desmame \	Rotina	Tem rotina	não tem rotina	TOTAL
0 - 11		20	0	20
+ 12		4	5	9
TOTAL		24	5	29

Apenas três (10%) mães não deram o seio. As crianças desmamadas cedo apresentaram problemas nutricionais (cinco casos) e dois aparentes atrasos motores. Em dois casos, fatores sócio-culturais podem ter levado à desnutrição. Em outros casos, parece ter

ocorrido uma vinculação emocional com ansiedade e culpa. Embora com causação diversa, as mães que desmamaram precocemente tenderam a estabelecer vínculos dúbios com os seus filhos. Por exemplo:

Caso.....L.R.: pai e mãe nível colegial, cerca de 30 anos, nascidos em São Paulo, o pai no segundo casamento tendo 2 filhos do casamento anterior. A mãe parou de trabalhar com o nascimento da filha. Moram atrás da casa da avó paterna. Esta recebe frequentemente a primeira esposa e seus filhos em sua casa. A mãe tem muito ciúmes, minorados com o nascimento da filha. O pai ajuda em casa com a criança, quando dá, e o pai, securitário, é quem trabalha atualmente enquanto a mãe cuida da casa e da criança. A casa é de móveis de pinho claro, muito arrumada, enfeitada e semi-ordenada. O banheiro é externo, privativo. Certa umidade e pouco sol. Há uma área externa que não pode ser usada devido a um cão muito bravo da avó. O casal coopera em tudo e, antes da mãe parar de trabalhar, as despesas eram divididas; dá-se bem com os vizinhos e passeiam aos domingos. A mãe escolheu o nome T e o pai o outro, R. A criança não era esperada. Com o nascimento, a mãe chorava muito, assustada com a responsabilidade: "queria ir para minha mãe!" chorava, mas o pai insistiu que ela aprendesse a cuidar da nenê. A sogra vinha ajudar, mas não ajudava muito por ela não saber lidar com bebê. A mãe, magra, emagreceu mais de 9 kg em 9 meses, quando decidiu voltar ao trabalho e colocar T.R. numa "escolinha". A criança foi aleitada até os 3 meses quando foi feito o desmame em um dia devido a "não mamar direito". O aleitamento era com horário. A criança, a casa e a mãe são muito arrumadas e enfeitadas mas não parece haver autonomia. A ida à creche aos 9 meses fez com que em uma semana, a criança passasse a se sentar sem apoio. Andou com 13 meses. A ida à creche, contudo, fez com que a criança entrasse em sofrimento, passando a apresentar muitas doenças. A mãe contratou uma pessoa para ficar com a filha ao mesmo tempo que entrava em conflito com a sogra por causa do cachorro. A mãe sentiu muito a falta da filha (sic) mas temia perder a pessoa que contratou para ficar em seu lugar (sic) por causa do cachorro da

sogra. Sente que a sogra/marido se importaram mais com o cachorro do que com ela/criança. O desenvolvimento de T.R., pela FMS, é adequado mas a criança se recusa a comer a não ser mamadeira e danone.

As mães que desmamaram em torno de seis meses, idade preconizada pelo Centro de Saúde, fizeram-no sem problemas, a criança determinando o desmame segundo relato materno. No polo oposto, estão as mães que não conseguiram desmamar. Muitas delas (55%) e apenas elas (100%), não mantinham rotinas com a criança. Essas mães (67%) também dormiam com seus filhos o que sugere que não conseguiam se separar deles. Estariam em um estado "simbiótico" com o filho, termo que está sendo usado para descrever a dificuldade da mãe em se separar psicologicamente de seu filho.

Podemos traçar a partir dessas considerações três tipos de aleitamento (Quadro 1): o tipo *desmame precoce*, onde o bebê é aleitado com horário e com possíveis distúrbios na área da alimentação; o tipo *desmame médio* onde o aleitamento se dá com horário flexível e é o bebê quem determina o desmame; e o tipo *desmame tardio*, onde o bebê é aleitado sem horário, sem rotina e com possíveis distúrbios da relação mãe-criança ("simbiose").

Quadro 1: Tipos de Aleitamento, Vila Madalena, S.Paulo, 1991.

Tipos de aleitamento	Idade do desmame	Esquema de aleitamento	Consequências
1º tipo	precoce	com horário	distúrbios de alimentação; mãe ansiosa
2º tipo	médio	sem horário	criança determina desmame
3º tipo	tardio	sem horário	"simbiose", sem rotina

5.1.2. Discussão Comparativa

Comparando-se o comportamento de aleitamento das mães !Kung e o das mães de Vila Madalena, pode-se observar profundas e radicais

diferenças. A análise dessas diferenças pode se dar pelo menos em três níveis.

1. Nível sócio-cultural: a "padronização"

Há uma padronização sócio-cultural dos comportamentos de aleitamento. Em Vila Madalena, esta padronização foi parcialmente oferecida pelo Centro de Saúde, que tanto incentivava o aleitamento, quanto o preconizava até os seis meses de idade, com um esquema a pedido da criança. A normatização da conduta teve reflexos sobre o comportamento individual das mães que dele se desviaram: as que não aleitaram e as que não conseguiram parar de aleitar. A sanção foi "psicológica": culpa e ansiedade.

Nos !Kung, há uma padronização única oferecida pelo consenso e pela ausência de outros recursos alimentares. O infanticídio é a resposta à normatização; a sanção é radical.

Podemos, pois, observar as seguintes diferenças além das já citadas: um único padrão normatizador versus vários padrões; a ação normatizadora do Centro de Saúde é também uma ação "educadora": as regras prescritas são modelos a serem seguidos, enquanto nos !Kung a aprendizagem se dá pela experiência; a padronização pública determina modos de conduta, desvios e sanções, intra e extra-subjetivos.

2. Nível sócio-biológico: a "naturalidade"

As mães !Kung vivem em um estado forte de integração com a natureza. Conforme LEAKEY (1978), os coletores-caçadores são uma parte de seu meio-ambiente e não separados dele.

Na Introdução, mencionamos a noção de contexto do desenvolvimento (BLURTON-JONES, 1981) ao qual todo o sistema de desenvolvimento está adaptado. Esse contexto implica tanto a

adequação da relação "simbiotizada" das mães !Kung, quanto a inadequação da mesma relação nas mães de Vila Madalena.

Um comportamento "natural" à espécie torna-se, nas mães de V. Madalena um sistema funcionando em condições alterados com relação ao ambiente de adaptação evolucionário. Nessas condições alteradas, pode ocorrer a "simbiose", quando o aleitamento contínuo conjuntamente ao dormir junto indica, ao mesmo tempo que determina, a dificuldade em realizar o desmame/desapego/desgarramento.

Quando se considera o aleitamento temos de considerar o papel da mulher na sociedade em questão. Conforme aponta BLURTON JONES (1981), as comparações não podem incidir diretamente sobre comportamentos, mas sobre comportamentos exibidos em determinado "nicho ecológico". O conceito de nicho ecológico equivale, com algumas diferenças, ao conceito de "modo de vida". O modo de vida é um sistema necessariamente coerente em todos os seus níveis, pois está baseado em um sistema de valores que determina organizações de significados também coerentes em cada nível em que se pretende focar (HOPPAL, 1987). Para LEWIS (1977) o contexto onde o comportamento ocorre, implica tanto no contexto ecológico quanto no significado cultural do dado comportamento.

As mães de Vila Madalena sofrem pressões que as mães !Kung não sofrem: pressões econômicas, pressões sexuais, pressões dos afazeres domésticos. Essas pressões criaram uma falta de coerência entre o aleitamento e o modo de vida, o que fez com que, presumivelmente, as mulheres que não conseguiram ultrapassá-las sucumbissem a elas, individualmente.

No âmbito desse trabalho, podemos apenas apontar para a diferença entre comportamentos iguais com significados culturais diferentes em contextos ecológicos diversos na relação mãe-criança e no desenvolvimento desta.

3. Nível sócio-psicológico: a "subjetividade"

A sociedade !Kung organiza as pressões de modo a impedir ou minimizar a contradição entre o aleitamento e a "subjetividade" feminina. A não-expectativa de atividade sexual durante o primeiro ano de vida da criança diminui a tensão originada pelo impulso sexual, enquanto o sistema de carregar o bebê e a organização comunitária da tribo facilitam o ajustamento entre as necessidades do bebê e da mãe.

As mães de Vila Madalena podem ser levadas a experienciar conflitos devido a pressões de dois tipos fundamentalmente: ocupacionais e sexuais. Tanto ela tem ou deseja retornar ao trabalho, quanto fica dividida entre se ocupar do companheiro ou da criança à noite.

Algumas mães que desmamaram precocemente se sentiram culpadas por fazê-lo; é o que denominamos "ansiedade culposa" ao tentar achar um denominador comum a elas. Sentiram que falharam, e falham, ante os seus filhos, na sua função materna. As crianças tenderam a apresentar morbidade: desnutrição (2), distúrbios de alimentação (2), atraso motor (2).

O que parece ocorrer, nesses casos, é um tipo de vinculação mãe-criança que, ao mesmo tempo, determinou ou favoreceu o desmame precoce e outras atitudes maternas. Uma relação causal entre desmame precoce e desnutrição pode ter ocorrido em dois casos: onde houve falta de cuidados higiênicos por ignorância ou incapacitação, e onde a mãe ao se sentir recusada pela criança por esta não pegar o seio, estruturou a relação em um modelo de rejeição mútua. Além dessas, a mãe que teve dificuldade quanto às suas próprias necessidades de dependência pode tender a não aleitar, ao mesmo tempo que não fornece continência ao bebê em outros aspectos (caso TR).

As mães que desmamaram em torno de seis meses, atribuíram o desmame à iniciativa do bebê. Isso entra em contradição com o que

ocorre com as crianças !Kung, que também têm outras fontes alimentícias desde os cinco meses, mas que continuam no seio, se possível, até os cinco anos.

Pode-se pensar que a representação materna de conferir uma qualidade de "normalidade" aos desmames aos seis meses determinou a avaliação materna de que as crianças desmamaram por si sós.

A questão da representação materna é colocada por Konner (1981) quando diz que a sociedade !Kung acha que o desenvolvimento forte e saudável de uma criança passa pelo aleitamento até os 30 meses, pelo menos.

As mães de Vila Madalena que não conseguiram desmamar os filhos até os 2 anos estavam aparentemente numa relação "simbiótica". Chamamos de "simbiose" o estado de confusão tempo-espacial entre mãe e criança, no qual a mãe não consegue se separar do filho através do desmame ou de dormir isoladamente e/ou este dela, o que se manifesta por requisições constantes.

A simbiose tem dois significados principais: - Uma relação de cooperação entre dois organismos, uma parceria adaptativa de dois organismos, em que cada um contribui para a sobrevivência do outro (BOWLBY, 1973); - ou o delírio de uma "fronteira comum" (MAHLER, 1977). Enquanto as díades !Kung estariam classificadas no primeiro significado de simbiose, as díades de V. Madalena estariam classificadas no segundo significado.

As mães "simbiotizadas" foram as que apresentaram comportamento de aleitamento semelhantes às mães-bebês !Kung: aleitamento contínuo, dormir junto, carregar. As mães que puseram horário foram as que desmamaram cedo, enquanto as mães que desmamaram "médio" aleitaram a pedido da criança. Contudo, pode-se cogitar haver algo na personalidade da mãe que a leva a por ou não horário. A mãe que põe horário, ao lado de seguir ordens médicas, indica um desejo de

ter horário ela própria, de ter tempo para si, enquanto as mães que não põem horário, se põem à disposição da criança. Ora, há casos em que essas mães estão muito desvitalizadas, "desprovidas" elas próprias, e as crianças acabam por possuí-las, resultando na relação "simbiotizada".

Pode-se observar serem as mães/filhos simbiotizados os terceiros filhos homens (3 casos); desencontradas com os pais (5 casos). Essas mulheres parecem estar sofrendo uma fragilização interior que incide diretamente sobre a questão dos limites: o aleitamento acaba favorecendo um ajuste mãe-criança em que esta fica à mercê dos desejos da criança, ao mesmo tempo em que não tem claro para si os próprios desejos. Desse modo, a mãe se submete à ordem que vem da criança e não consegue colocar "ordem" no tempo (horário) e, como veremos, no espaço (desordem). Essa desordem seria a manifestação exterior da desordem interior, isto é, da confusão tempo-espacial na qual a mãe está.

Pode-se pensar haver circunstâncias anteriores à própria criança, quer na própria mãe, quer na relação do casal, favorecendo o aparecimento da "simbiose", mas a função paterna revelou-se muito importante. Os pais pareceram se tornar incapazes de "resgatar" as esposas para si e para o seu desejo. Conforme um pai: "ela ainda não tirou o filho do útero". Ocorreram crises no relacionamento sexual do casal cuja resolução implica na própria continuidade do casamento. Se entre os !Kung é "normal" a mãe dormir com o filho, em Vila Madalena significa que o marido/pai está sendo excluído de uma relação que se fecha em "mãe-criança".

4 - Nível do "aleitamento em si"

Ser aleitado como o é uma criança !Kung significa receber muitos estímulos tácteis e vestibulares, com a oportunidade de firmar a verticalidade, e um nível baixo de frustração.

Em contraposição, a criança de Vila Madalena pode receber poucos estímulos tácteis e posturais, e "aprender" a tolerar altos níveis de frustração.

O sistema de aleitamento é um sistema porque implica em um conjunto de ações coordenadas das quais analisamos apenas a idade do desmame, seu motivo, o esquema a pedido ou não, e a presença/ausência da rotina.

Como hipótese, podemos supor que o sistema de aleitamento fornece pistas a respeito do "lugar". O lugar seria o canto próprio, o espaço próprio, o esquema corporal, o si próprio como é vivenciado.

Um bebê !Kung "vive" no corpo da mãe até os dois anos pois após o nascimento, ele habita o corpo materno no "kaross", que pode ser considerado uma espécie de útero exterior. Nesse longo período de "incubadeira", ele tem tempo para amadurecer e se desenvolver.

As crianças de Vila Madalena não têm o corpo da mãe como uma "incubadeira". As crianças "simbiotizadas" o têm ainda em algum grau, mas, em geral, o canto da criança é um lugar fora do corpo materno.

O sistema de aleitamento permite verificar como essa separação se dá. A mãe que se dispõe a permitir que o filho a use em função de suas necessidades estará oferecendo mais pontes antes da ruptura total representada pelo desmame.

O berço, nesse sentido, é outro desmame: em relação às mães !Kung, o bebê de Vila Madalena é "desmamado" quando posto no berço.

Quanto menos estímulos proximais a criança recebe, maior a tendência para basear o seu auto-conhecimento em estímulos distais. Desse modo, da observação de como o aleitamento se processou, podem-se levantar hipóteses a respeito de aspectos psico-motores e cognitivos.

5.2. Sistema de Autonomia: O Andar

A autonomia é um conceito em certa medida complementar ao de aleitamento. Enquanto no aleitamento estão supridas necessidades ligadas ao apego (ou dependência), na autonomia estão sendo supridas necessidades ligadas à exploração (ou independência).

Esse dois sistemas podem ser pensados como o núcleo central da relação mãe-criança, em torno do qual se estrutura o desenvolvimento da criança.

Enquanto o sistema de aleitamento é o modo como a mãe se põe à disposição do filho, o sistema de autonomia é o modo como ela põe o mundo à disposição da criança. A autonomia resulta tanto da mãe permitir o movimento da criança em direção ao mundo quanto o modo como a mãe se retira e deixa a iniciativa das ações à criança.

O sistema de autonomia pode ser observado diretamente ou inferido da fala materna, significando a possibilidade de liberdade da criança. Conforme BRAZELTON (1987), a mãe que permite à criança olhar em torno enquanto é amamentada ao seio já indicaria como lida com a necessidade de autonomia de seu filho.

Há culturas, como a ZINACANTECA (BRAZELTON, 1967) que não valorizam a autonomia, que não é permitida nem esperada. Nessa cultura, os bebês são mantidos amarrados, em quartos obscurecidos e sem estímulos, sendo tocados apenas quando alimentados ou banhados. Trata-se de uma sociedade estável, em que as distâncias sociais são mantidas idênticas através das gerações, e nas quais se espera submissão às normas vigentes.

No conceito de sistema de autonomia está implícito um valor. Através da autonomia, a mãe permite o acesso à exploração do mundo, dos objetos e de si próprio, e fornece as condições para que isso ocorra. Trata-se de uma dimensão potencial, além da realidade imediata, do que poderia ser denominado "espaço potencial de desenvolvimento".

TUAN (1977) propõe os conceitos de Espaço e Lugar. O "lugar", para esse autor, é segurança, enquanto espaço é liberdade. "Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação" (p.4). O espaço é experienciado quando há lugar para se mover (p.13). A espaciosidade está ligada à sensação de ter espaço, de estar livre (p.5). "Liberdade implica espaço: significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. O oposto da espaciosidade é o sentimento de apinhamento" (p.60).

Os conceitos de lugar e espaço parecem equivalentes às necessidades supridas pelo apego e às necessidades supridas pela autonomia. O "lugar" original da criança pode ser pensado como o útero materno, posteriormente o corpo materno e, finalmente, a representação simbólica e vivenciada de um lugar protegido no mundo; em certo sentido, do "si próprio", do corpo como a casa de si próprio. A autonomia pode ser pensada como a geratriz de sensações de poder de ação, de potência.

O sistema de autonomia foi analisado neste estudo através de dois marcos comportamentais: o sentar sem apoio e o início da marcha.

As crianças cujas mães impedem ou não facilitam a ação exploratória, assim como a ausência de espaço real foram registrados como "sem autonomia".

As crianças cujas mães permitem a exploração e propiciam a base concreta para que tal ocorra foram classificadas "com autonomia".

Os critérios para definir autonomia passam por dois níveis:

- se a mãe permite ou não a exploração

- se a mãe possibilita ou não condições para que a exploração ocorra.

Por exemplo: a mãe que deixa sua criança permanecer no berço por longos períodos, sendo este desprovido de móveis ou brinquedos; a mãe que obriga seu filho a andar calçado com meias no assoalho liso, escorregadio; a ausência de espaço material para a criança brincar e se locomover, etc indicam ausência de autonomia.

Deste modo, a autonomia é um conceito que é aferido de várias maneiras:

1º) possibilidade da criança se movimentar, agir, brincar, se relacionar, se comunicar, com pessoas e objetos;

2º) criação desta possibilidade através de condições que permitam à criança ter acesso aos objetos/estímulos necessários para que a autonomia se dê.

5.2.1 O sentar e a oportunidade

A Figura 5 se utiliza dos resultados referentes ao sentar independente do grupo de crianças !Kung com as normas etárias da escala de Bayley conforme KONNER (1977) comparando-os com os dados do grupo de crianças de Vila Madalena. O grupo !Kung era constituído de 21 crianças; o de V.Madalena por 16 crianças, e a escala Bayley se refere a uma amostragem de crianças americanas (cit. in KONNER, 1977).

Comparando-se os três grupos, observa-se que as crianças de V.Madalena são um grupo intermediário entre os !Kung e o grupo Bayley. Deve-se ressaltar que o resultado do grupo de V.Madalena é aproximado por ter sido obtido em termos de meses e não de dias e por ter sido a informação obtida a partir do relato materno.

Figura 5: O sentar sem apoio nos grupos de crianças !Kung, Bayley * e V.Madalena, S.Paulo, 1991

* Obtido em KONNER, 1977

As crianças de V.Madalena podem ser subdivididas em dois grupos quanto ao sentar: 53,3% sentaram entre 5-6 meses inclusive, e outros 46,7% entre 7-9 meses. Pode-se dizer que as que sentaram após os 6 meses o fizeram devido à falta de oportunidade de treino, excetuado um caso de atraso motor por doença grave (leucemia).

A falta de oportunidade se deve ao "modo de vida". Se às crianças !Kung é permitido viver na posição vertical e permanecerem sentadas ao lado de suas mães, as crianças de Vila Madalena permaneciam deitadas a maior parte do tempo, pois suas mães tinham que desempenhar os afazeres domésticos ou não permitiam o treino por questões emocionais (medo de machucar, por exemplo).

Das oito crianças que sentaram após os sete meses, quatro eram terceiros filhos e dois eram filhos de empregadas domésticas. AINSWORTH (1977) crê que a precocidade das crianças de Uganda por ela observadas resulta do exercício e da estimulação de liberdade irrestrita de movimentos, e de serem carregadas todo o tempo, o que não ocorria com essas crianças de Vila Madalena.

Parece haver um padrão neurológico de maturação que pode ser facilitado ou retardado pela ação do meio. Comparando-se os três grupos de crianças, podemos supor que as crianças de V. Madalena recebiam mais oportunidades para o desenvolvimento motor do que as americanas e menos do que as crianças !Kung.

5.2.2. O andar e a autonomia

Conforme se vê na Tabela 14, 85,71% (12:14) das crianças a quem a mãe confere autonomia andaram até 13 meses, enquanto 72,73% (8:11) a quem as mães não deram autonomia andaram após os 14 meses (Fisher, $p = 0,004$). Pode-se, pois, aventar a hipótese de uma relação entre autonomia e início da marcha.

TABELA 14: Relação entre início de marcha e autonomia, Vila Madalena, S. Paulo, 1991

Idade do andar autonomia\	0-13	14-16	Total
sim	12	2	14
não	3	8	11
Total	15	10	25

KONNER (1977) apresentou um gráfico comparando o andar inicial sem assistência - Fase E da escala de Bayley: 3 passos sem segurar a mão, sem a progressão calcanhar - dedos do pé ou com movimentos sincrônicos dos braços - do grupo de crianças !Kung com as normas etárias conhecidas pela escala de Bayley. A partir de informações obtidas a partir do relato materno sobre o início da

marcha independente das crianças de Vila Madalena, obtivemos o seguinte gráfico:

Figura 6: Locomoção ereta (marcha independente) em crianças !Kung, Bayley, Vila Madalena, S.Paulo, 1991

Pode-se observar, novamente, com as devidas ressalvas, que o grupo de Vila Madalena situa-se parcialmente entre o grupo !Kung e o americano. No grupo de Vila Madalena houve uma sub-divisão entre crianças que andam até 13 meses (15:25) e crianças que andam entre 14-16 meses (10:25), sendo que 44% das crianças de Vila Madalena andam até 12 meses contra cerca de 80% das !Kung que andam antes dos 12 meses. Portanto, pode-se concluir que mais crianças !Kung iniciam mais cedo a marcha independente do que as crianças de Vila Madalena. Em relação à escala de Bayley, parte do grupo de Vila Madalena inicia a marcha antes do marco dessa escala e parte do grupo (40%) após.

As crianças !Kung é dada grande autonomia e iniciam a marcha cedo enquanto as crianças Zinacantecas, estudadas por BRAZELTON (1977) não são reforçadas para vocalizar, sorrir ou no desenvolvimento motor. Essas crianças, mantidas embrulhadas, deitadas, sem oportunidade para exploração visual, tátil, durante os primeiros quatro meses, andam com

um mês de atraso em relação às crianças americanas, mantendo esse atraso consistentemente nas várias etapas motoras e cognitivas. O curso do desenvolvimento corre "normalmente atrasado". Conclui o autor que observar o bebê Zinacanteca se desenvolver face à supressão do seu comportamento exploratório acrescenta uma nova dimensão à influência poderosa de maturação do sistema nervoso, confrontado com o estilo de vida americano em que há uma expectativa ansiosa quanto à realização individual. No padrão americano espera-se que a criança seja independente e automotivada e busque o sucesso, em conformidade com os padrões norte-americanos para os adultos.

Pode-se pensar que a autonomia, como um valor, influencia o início da marcha, assim como outros comportamentos bem mais complexos do ponto de vista social. Como diz BRAZELTON (1977), a educação Zinacanteca cria indivíduos sem aparente auto-questionamento e com um tipo de aprendizado por imitação que está adaptado à ênfase cultural na igualdade e na interdependência. Pode-se dizer que o modelo de subsistência de caça-coleta origina um aprendizado desde a infância de comportamentos sociais adequados a ela, tanto para a reprodução, quanto para a produção (DeVORE, 1974). SORENSON (1979), estudando a cultura Fore, um pequeno enclave neolítico em Nova Guiné, conclui que os dois aspectos básicos da aprendizagem e desenvolvimento social das crianças Fore, isto é, intensa associação tátil e liberdade para perseguir metas individuais, fornecem a base para o tipo cooperativo da organização social Fore, qual seja, grupos informais e voluntários, ausência de chefes, curandeiros ou patriarcas, no qual "a apreciação sócio-sensual da excitação e dos valores de vida orientam buscas individualistas dentro de um contexto de indivíduos reciprocamente suportivos" (p.304).

Com base nesses estudos comparativos, pode-se pensar que a marcha é fortemente determinada pelo desenvolvimento do sistema nervoso, de modo que, como a cultura lida e encara a questão da autonomia, acaba influenciando o início da locomoção independente. Ao

avaliar a idade do início da marcha não estaríamos apenas avaliando um aspecto do desenvolvimento motor, mas um dado "cultural", profundamente imbricado em outros elementos da cultura.

No caso das crianças da Vila Madalena, os dois grupos associados à presença ou ausência de autonomia indicam que dentro de um mesmo grupo e extrato cultural há diferenças no manejo da autonomia e no início da marcha resultando, provavelmente, em outras diferenças.

5.3. O Sistema de Dormir: O Quarto

5.3.1. Os !Kung e o dormir

Os !Kung não têm um "cantinho" do bebê. Pode-se pensar que o cantinho do bebê dos !Kung é o corpo da mãe. Após sair do corpo da mãe (desmame do seio e desmame do carregar), a criança entra diretamente na sociedade. Como descreve KONNER (1977), a criança participa do grupo social das crianças, ao mesmo tempo em que participa do grupo de trabalho dos adultos. O grupo das crianças é a segunda socialização das crianças !Kung.

Já as crianças de Vila Madalena cujo cantinho é o corpo da mãe foram denominadas nesse trabalho de "simbiotizadas", indicando uma perturbação na relação mãe-criança.

A diferença pode estar na relação mãe-criança, no que ela tem de relativo, quer à mãe, quer à criança.

KONNER (1981) compara o comportamento de macacos *Rhesus* com o sistema de cuidados ocidental e bosquímano. Quando criados em pares isolados, apenas mãe e filhote, as mães dos rhesus evitavam e abandonavam mais os seus filhos enquanto estes os seguiam e se aproximavam mais do que os pares criados vivendo em grupos. Foi observado também que os marcos de locomoção e os marcos sensorio-motores eram superiores em macacos do grupo coletivizado do que nos criados isoladamente.

Conclui KONNER (1981) que o contexto social denso, proporcionando ampla alternativa para mães e crianças, melhora a probabilidade de que as mães aceitem as demandas dependentes das crianças, ao mesmo tempo em que há uma relação entre o apego inicial e posterior menor dependência.

O intenso contato corporal mãe-criança com extrema indulgência observado entre os !Kung é um sistema compatível com o seu sistema sócio-cultural. A riqueza da rede de relações, em que tanto mãe quanto criança estão, permite que ambas sejam nutridas pelo contexto social mais amplo.

Pode-se imaginar que o oposto ocorre no universo das mães-crianças de V.Madalena, simbiotizadas ou não: um empobrecimento do meio sócio-cultural em que mãe e criança ficam isoladas.

5.3.2. O Modo do Bebê Dormir em Vila Madalena

Das 60 crianças visitadas, 14 (23,3%) não tinham berço e 46 (76,7%) tinham; 65% (39:60) tinham o que denominamos "cantinho do bebê", isto é, um espaço criado por enfeites e brinquedos em torno e dentro do berço.

Das crianças que desmamaram até 9 meses (Tabela 15), 16 (72,73%) possuíam berço e 6 (27,27%) não, enquanto que 8 (72,73%) das que desmamaram após 9 meses não possuíam berço, dormindo com os pais ou irmãos. Esse resultado é estatisticamente significativo (Fisher, $p = 0,01$).

TABELA 15: Relação entre idade de desmame e presença/ausência de berço, Vila Madalena, S.Paulo, 1991.

Idade \ Berço Desmame\	Presença	Ausência	TOTAL
0-9	16	6	22
+ 9	3	8	11
TOTAL	19	14	33

Pode-se observar também (Tabela 16) uma tendência a uma relação inversa entre a idade do desmame e a presença de um "cantinho do bebê": quanto mais cedo o desmame, mais berços tenderam a estar enfeitados, caracterizando um "cantinho", enquanto a ausência de berço apareceu associada a desmame tardio. Agrupando-se a idade de desmame de 0 a 9 meses e correlacionando-a com a presença/ausência de berço, obteve-se $\chi^2 = 3.37$, p entre 0.10 e 0.05.

TABELA 16: Relação "tipo de berço" e idade do desmame, Vila Madalena, S.Paulo, 1991

Idade\Tipo do \de Desmame\Berço	Ausência de Berço	Berço sem Enfeite	Berço com Enfeite	TOTAL
0-3	5	2	8	15
3-9	1	3	3	7
+ 9	8	-	3	11
TOTAL	14	5	14	33

Foi observado igualmente (Tabela 17) uma forte relação ($\chi^2 = 14,95$, $p < 0,01$) entre a casa ter enfeites e o berço ter enfeites, ou seja, quem enfeita a casa tende a enfeitar também o berço.

As casas onde apenas o berço estava enfeitado caracterizando o "cantinho do bebê" foram casas onde ocorria uma preocupação em caracterizar o espaço privatizado do bebê, mesmo havendo uma condição "coletivizada" na casa (duas empregadas domésticas; uma casa coletivizada; três casas semi-coletivizadas; uma mãe solteira e uma família que dividiu o único cômodo com uma estante fazendo um quarto para a criança).

Os quatro casos de casas com enfeites/berço sem enfeite ocorreram com terceiros filhos ou uma condição semelhante, como no caso de mãe solteira morando com tios, havendo 7 crianças na casa.

TABELA 17: Relação "quantidade de enfeites" no berço e na casa, Vila Madalena, S.Paulo, 1991

<div> <div> \ Berço Casa \ </div> </div>	Muitos/ médio Enfeites	Poucos/ Ausente Enfeites	TOTAL
Muitos/médio Enfeites	20	4	24
Poucos/ausente Enfeites	8	22	30
TOTAL	28	26	54

Pode-se observar na Tabela 18 que casas coletivizadas tenderam a apresentar poucos enfeites. Os lares coletivizados com muitos enfeites indicaram uma tendência compensatória ante "ausências". Por exemplo: um cômodo de cortiço habitado por migrantes nordestinos, onde se pode ver fotos de família, objetos de barro do Nordeste, toalhinhas rendadas, fotos de times de futebol, imagens de Santos, passarinhos, plantas, discos do nordeste, etc.

TABELA 18: "Quantidade de enfeites" e "Coletivização-Privatização", Vila Madalena, S.Paulo, 1991

<div> \coleti- \vização enfeites\ </div>	coleti- vizado	semi coleti- vizado	privati- zado	Total
Ausentes	7	1	4	12
Poucos	6	4	8	16
Médio	-	1	8	9
Muitos	5	4	7	16
TOTAL	18	10	27	55

Considerando-se apenas as categorias coletivizado e privatizado, e agrupando-se os enfeites em duas categorias (ausentes+poucos, médios+muitos) obteve-se um resultado estatisticamente significativo ($\chi^2 = 3,94$, $p \leq 0,05$) associando privatização com enfeites e coletivização com poucos enfeites.

Pode-se observar (Tabela 19) uma associação entre ordenação/coletivização ($\chi^2 = 12.43$, $p = 0.01$), as casas coletivizadas não sendo ordenadas.

TABELA 19: Relação entre os eixos ordenação e coletivização, Vila Madalena, S.Paulo, 1991

..... \coleti- \vização ordenação \	privati- zado e semi	coleti vizado	Total
Ordenada	21	1	22
Não-ordenada e Semi	15	18	33
Total	36	19	55
.....			

Não foi observada associação entre ordenação e enfeites a não ser que as casas semi-ordenadas tendiam a ter muitos enfeites em contraposição às casas não ordenadas.

Em consequência desses achados, pode-se pensar haver uma associação entre não *berço/coletivização/não enfeites/não ordenação/desmame tardio* e *cantinho/privatização/enfeites/ordenação/desmame precoce*.

5.3.3. Berço e Enfeites: Aportes Teóricos

Faço ao exposto acima, o berço pode ser pensado como o espaço individual, privativo, do bebê. Pode ser considerado um índice de privatização da criança.

Os enfeites, para MORRIS (1967) são um equivalente rigoroso do que fazem outras espécies territoriais quando depositam os seus cheiros pessoais ou os seus excrementos nas proximidades das respectivas tocas. Para esse autor, o colecionador é uma pessoa que sente uma necessidade anormal de definir dessa forma o respectivo

território habitacional.

O berço e o cantinho do bebê são projetos espaciais dos pais quanto ao modo como a criança vai ocupar o seu lugar no mundo. Fazem parte, acreditamos, do que estamos denominando "espaço potencial".

Com a sedentarização, cada macho, tornando-se chefe de família, passou a ter de defender a sua própria habitação no interior da colônia (MORRIS, 1967).

EIBL-EIRELFELDT (1974), ao discutir a questão da agressividade dos povos da caça-coleta, insere esse assunto dentro da controvérsia da territorialidade dos bosquímanos. Para esse autor, a territorialidade é a intolerância ligada a espaço, à defesa do espaço contra os de fora, o domínio de um grupo ou animal sobre outro naquele lugar. Através de inúmeras descrições baseadas em filmagens de cenas naturais, ilustra quer a agressividade, quer a demarcação territorial dos bosquímanos, através dos bandos e suas redes. Conclui que muitos padrões agressivos são adaptações filogenéticas ritualizadas a serviço do espaçamento e do controle de agressão. Para esse autor, o homem é, por natureza, uma criatura de vinculação tanto quanto de espaçamento.

O berço pode ser considerado o "território" do bebê e os enfeites, a sua demarcação, o seu "espaçamento". A demarcação territorial de povos coletivizados, como os !Kung se dá na rede de bandos enquanto, à medida que aumenta o índice de privatização, esta vai se dando cada vez mais próxima ao indivíduo.

Há vários estudos, como os de SOMMER (1969), sobre espaço pessoal, invasão e defesa da intimidade, etc. Estamos interessados, no entanto, na gênese da noção de espaço pessoal, como ele se constitui. Estudos do espaço habitado relacionado à psicologia têm se concentrado em demonstrar como a densidade populacional é causa de morbidade psicológica enquanto que vários estudos, como os de HALL

(1989), TUAN (1983), MARTIN-BARO (cit.in MASSA, 1986) apontam para a relativização desse conceito em função de diferenças culturais. Para nós, além do eixo coletivização-privatização, há uma outra dimensão denominada "organização" que embriaga e dinamiza a relação espacial determinada pelos enfeites e pela coletivização. Na gênese da noção de espaço pessoal deve estar a questão da territorialidade como vivida e representada simbolicamente no grupo.

Com a sedentarização, surge a propriedade, e com essa, as posses. A sedentarização também determina o início da geometria: a criação do ângulo reto, inexistente na natureza, que surgiu da demarcação da propriedade.

Com a propriedade, a geometria, as criações de animais, vieram as posses. Os enfeites são posses.

A grande propriedade do !Kung é o seu corpo, e o grande "enfeite", o colar e outros adereços pessoais. Não há bens, nem posses, apenas o que podem carregar dentro de suas cabeças. O bebê !Kung está instalado na sua propriedade - o corpo da mãe - através do toque e dos estímulos posturais, predominando a estimulação proximal.

WHITING (1981), num extenso estudo sobre os modos de dormir e sua relação com o meio natural e social envolvendo povos do mundo inteiro, conclui que o modo como as crianças são cuidadas durante as suas horas acordadas e dormindo é determinado, em grande medida, pelo meio físico, sendo a temperatura mais fria do ano o fator mais importante na determinação das diferenças encontradas. Ele descreve que, em climas tropicais, como o nosso e o dos !Kung, os povos tendem a carregar as crianças em tipóias. As crianças usam poucas roupas e dormem próximas à mãe. O oposto ocorre nos climas frios: muitas roupas e o uso do berço. Como consequências do uso do berço, as crianças são separadas de suas mães ao nascer. Se precisam de algo, têm de chorar. Com as crianças da tipóia é como se a criança não tivesse nascido, fosse ainda parte de sua mãe. Elas têm a visão de

mundo de sua mãe que o autor denomina *identificação simbiótica*. As crianças de berço, ao invés, têm uma relação de *dependência ambivalente*: ao lado do desamparo e da dependência do controle dominante de seus pais, elas nunca sabem em quanto tempo as suas mães virão. Para esse autor, as crianças de berço são separadas ao nascer, enquanto as outras apenas o são quando ocorrer o desmame de carregar e dormir, o que ocorre geralmente aos 2 anos. Assim, as crianças de berço são separadas muito mais "desamparadas" que as outras, ou seja, menos maduras e com menor autonomia. Sua comunicação é distal antes do que proximal, verbal antes do que cinestésica. Estão em um esquema de reforço retardado e aperiódico. É o que WHITING chama de "dependency hangup", no qual a independência e a auto-confiança são altamente valorizadas ao mesmo tempo que o comportamento dependente dominante é sutilmente recompensado mantendo a criança numa posição passiva, por exemplo, precisando chorar e esperar até ser acudida no berço. Este conflito contrasta com os "cross-sex-identity hangup", da cultura da tipóia, em que há uma forte identificação inicial com o papel feminino, dado o bebê ter o ponto de vista materno tanto para meninas quanto para meninos, e em que as crianças são ativas no sentido de perceberem precocemente a sua habilidade para se satisfazerem, por exemplo, mamando ao sentir necessidade.

Podemos verificar, pois, que o modo de dormir se relaciona com o modo de estar acordado, ambos coerentes com o contexto socio-cultural.

A utilização do berço determina, entre outros fatores, um sistema de cuidados à distância. Conforme foi visto na nossa amostra e em consonância tanto com os !Kung, como com várias outras culturas, o aleitamento contínuo se complementa com o dormir junto à mãe, havendo dois ou três tipos de desmame: do seio, do carregar e do dormir. Esse modelo de cuidar determina um contato contínuo e permanente mãe-criança, com um tipo de contato corporal muito diverso das crianças educadas no berço.

Pode-se pensar que, devido à coerência dos sistemas de valores e dos modos de vida, o modo de cuidar se reflete nos vários estágios da vida do indivíduo, organizando os diversos tipos de comportamentos em sistemas. Conforme o próprio WHITING (1981) sugere, "os deuses poderosos da religião judaico-cristã e a crença nos guardiões dos espíritos que caracteriza muitos dos índios norte-americanos, ambos florescem em culturas do berço e representam o tipo de relação dependente entre homens e o sobrenatural que poderia ser teoricamente esperado" (p.175).

O berço pode, pois, ser pensado como um indício de separação da mãe. A existência e uso do berço implicaria em que a criança estaria separada da mãe em alguma instância, com isso instalando-se o predomínio da estimulação distal.

A presença do berço indicaria também a representação da noção de si próprio através da demarcação de espaços próprios, por exemplo: um si próprio "mais ou menos coletivizado" ou "mais ou menos definido em termos do grupo ou em termos de atributos pessoais".

Os enfeites podem ser pensados como um modo de possuir os espaços e de defendê-los contra invasores. Diz TUAN (1983) que a mãe é o primeiro lugar da criança, se lugar for definido de um modo amplo como um centro de valor, de alimento e apoio. As crianças tornar-se-iam possessivas devido à necessidade de garantir o próprio valor e status entre companheiros. A necessidade de segurança levaria a apoiar a personalidade em objetos e lugares, o que acabaria por fornecer padrões de identificação, através desses apoios. Os enfeites forneceriam, assim, *padrões de identificação*.

Embora os !Kung sejam um povo moderno, a cultura !Kung e a nossa estão muito distantes devido ao "consumo". Vivemos numa sociedade afluente em que o desenvolvimento tecnológico produziu a chamada sociedade de consumo, construída sobre o acúmulo e desperdício de posses. Segundo MARX (citado em Schneider, 1977): "A propriedade

privada tornou-nos tão estúpidos e parciais, que um objeto só é nosso se o possuímos. Daí terem sido todos os sentidos físicos e espirituais substituídos pela simples alienação de todos esses, o sentido de *posse*". SCHNEIDER (1977) complementa, dizendo que o mundo objetivo dos valores de uso que não se pode "possuir" foi substituído pelo mundo dos fetiches que se pode tão apenas "adquirir".

Parece-nos muito coerente que a identidade dos bebês modernos seja dada por suas "posses", enquanto que na sociedade !Kung seja dada por outros parâmetros mais ligados à relação social.

Segundo ARIÈS (1990), na sociedade feudal, o espaço privado era mantido como defesa contra as agressões do poder público. Era um "privado coletivo", e não um "privado individual" como atualmente..

O privado pode não ter o sentido de acúmulo, de propriedade, mas, em nossa sociedade, acabou por tê-lo. Para ARIÈS (1990) as marcas das conquistas de uma autonomia pessoal vieram com a aceleração da economia, com o crescimento agrícola e da circulação da moeda, "em que por toda parte se difunde o uso da palavra ganhar. Surgem as arcas como indícios de guardar para si, poupar e tornar-se menos dependente de seus familiares. A mobilização das iniciativas e das riquezas suscita a valorização progressiva da pessoa. Instaura-se o medo do corpo porque a natureza é perigosa, ao lado do gosto e preocupação com a limpeza" (p.506).

FREUD (1948) identificou a fase anal com a fase retentiva da ganância econômica: as fezes, como mercadoria de troca entre pessoas, adquirem o caráter acumulativo da sociedade onde está inserida. SCHNEIDER (1977) associa o caráter obsessivo-compulsivo à ascensão da burguesia ao poder estatal; ou seja, o poder da "autoridade" burguesa estaria representado em uma organização psico-corporal onde o corpo se encontra delimitado por zonas, limpas/sujas, superiores/inferiores, e onde se procura o controle de certas partes sobre outras. Para PROST (1992), após o período de vida privada familiar, ocorreu e está

ocorrendo a vida privada individual onde "o corpo se tornou o lugar de identidade pessoal" (p.105). Esse corpo, que pode ser considerado um corpo "pós-moderno", não tem vergonha de si próprio, "se possui", "se cuida" através do asseio, da dietética e da cultura física. Ao mesmo tempo, há uma "democratização" na vida política e, principalmente, na relação do casal parental entre si e com os filhos. Para este autor, a vida privada individual passou a ser um direito *contra* a instituição familiar.

5.3.4. Berços, Enfeites, Casas e Famílias em Vila Madalena

Os enfeites no berço do bebê podem ser considerados uma defesa antecipatória dos pais à invasão, e uma afirmação da identidade através da posse. Ao lado do "nome próprio" haveria o "berço próprio" significando não apenas a origem (Brasil: "berço esplendido"); mas o próprio ser (pessoa de "berço").

Foi visto haver uma forte correlação entre a quantidade de enfeites na casa e no berço. A mesma dinâmica que dispõe os enfeites da casa disporia os do berço.

A ausência de berço pode ser considerada como índice de coletivização da criança. Nesse caso, há duas possibilidades: a casa toda ser coletivizada ou apenas o bebê o ser.

Quando a família é coletivizada, pode ocorrer o mesmo que com os !Kung: ausência de enfeites e de berço. Em nossa amostra, a ausência de berço significou casas de famílias ampliadas que tiveram de se re-arranjar para conter o novo membro.

Quando apenas a criança era coletivizada, a questão que se colocou se referiu ao espaço potencial dessa criança: há "lugar" para essa criança na casa? no mundo?

O berço com enfeite correspondeu ao que estivemos discutindo, o modo consistente com a sociedade de consumo e seus valores.

O berço sem enfeite pode indicar um "empobrecimento" do bebê, algum nível carencial a ser verificado em função de estar indicando o corte entre os corpos da mãe/bebê, sem estar sendo oferecidos substitutos.

O berço com enfeites tende a se associar à autonomia. Nossa sociedade tanto favorece a *autonomia*, a *iniciativa*, a *tomada de decisões rápidas*, enfim, a *competividade* e a *auto-assertividade*, quanto os enfeites. Os enfeites são os estímulos de que a criança dispõe no berço. YARROW (1977) mostrou que a variedade de estimulação inanimada se relaciona com o comportamento exploratório e o desenvolvimento motor, enquanto a estimulação social se relaciona à "permanência de objetos" e à motivação. O acesso aos estímulos inanimados - por exemplo, enfeites, brinquedos - seria dado pela atitude de favorecimento da autonomia.

Nos !Kung, "o mundo é um celeiro" e um contínuo fornecedor de estímulos variados. Nas casas de V. Madalena, há o oposto: sempre os mesmos estímulos, de modo que a riqueza e variedade reveladas pelos enfeites são positivas, desde que haja acessibilidade a eles. Quando há restrição, isto é, ausência de autonomia, pode-se suspeitar de "empobrecimento", falta de proteína cultural, mesmo na presença de objetos. Esses casos ocorreram em mães de personalidade rígida, em que havia acúmulo de posses ao lado de falta de oportunidade para os movimentos da criança.

5.4. O Espaço Potencial

5.4.1. Esquema de análise do Espaço Potencial

As mães foram classificadas quanto ao espaço representacional do desenvolvimento denominado por nós "espaço potencial". Segundo nossa hipótese, no espaço potencial, a mãe

anteveria ou preveria o processo maturacional e o aparecimento de novas funções e se anteciparia para criar o espaço real e imaginário para que isso ocorresse. Este espaço representacional seria um espaço interior onde a mãe "geraria" o espaço exterior para a criança. Ele se processaria no tempo, assim como o próprio desenvolvimento. Por exemplo: antes de nascer, a criança já teria o seu berço; antes de andar, espaço para se movimentar, ou, na sua ausência, a mãe/família manifestaria preocupação por não tê-los e empenho em obtê-los. Além disso, o espaço potencial estaria representado em retratos de criança, brinquedos, etc, representando a potencialidade para o afeto e o vínculo afetivo.

5.4.2. O Espaço Potencial em Vila Madalena

Embora no início do presente trabalho não estivéssemos utilizando o termo espaço potencial no mesmo sentido de WINNICOTT (1982), pode-se verificar uma confluência de significados no que se refere ao uso de enfeites para marcar o espaço do bebê.

Para WINNICOTT (1982), o espaço potencial é o espaço cultural e os objetos transicionais são os intermediários entre os objetos da fantasia e a realidade. Eles tanto ajudam a fazer a ponte entre a realidade subjetiva e a realidade objetiva quanto, ao fazê-lo, permitem a criação da própria cultura, através da criatividade. O termo potencial se refere a este aspecto criativo que é, para esse autor, o apanágio da cultura.

Ao colocarmos os enfeites como substitutos do corpo materno, estamos nos referindo ao termo no mesmo sentido que WINNICOTT (1982) lhe dá. Apenas WINNICOTT chegou a esse conceito partindo da criança e nós estamos deduzindo este a partir da relação mãe-criança.

O berço com enfeites pode, pois, ser considerado um índice de espaço potencial materno. Essa é uma decorrência lógica da nossa

uma função adaptativa ao meio social onde viverá e ao meio cultural que a criança criará.

No que se refere ao berço, o "pertencer ao corpo" pode ser substituído pelo "pertencer aos objetos" ou "os objetos pertencerem a ele". A possessividade pode ser a reação à perda da identidade fornecida pelo corpo materno. A necessidade "anormal" de definir territórios do "coleccionador" adviria do conceito de si próprio ter sido construído através de objetos, e não pelo contato e diálogo corporal presentes na interação mãe-criança. O afeto, isto é, o afetar e ser afetado por outra pessoa numa relação significativa pode ser substituído, em parte, pela relação de posse, resultando numa "coisificação" das relações humanas.

O berço pode representar também a futura distância pessoal: um lugar cercado, a fortaleza muitas vezes vazia, o "próprio" do bebê.

5.5. Espaço e Lugar/Aleitamento e Marcha

Não parece haver relação direta entre a idade do desmame e o início da marcha (Tabela 20). O tipo de aleitamento não se relaciona nem com a marcha, nem com a autonomia porque se refere a uma dimensão da atuação materna - a continência, a disponibilidade, o "lugar" - enquanto a marcha se refere à dimensão da "espaciosidade", à liberdade, à autonomia.

TABELA 20: Relação entre idade do desmame/idade da marcha, Vila Madalena, S.Paulo, 1991.

marcha\desmame	0	0-3	3-6	6-11	+12	TOTAL
0 - 13	1	6	4	1	4	16
14 - 16	1	5	3	2	3	14

TOTAL	2	11	7	3	7	30
-------	---	----	---	---	---	----

A mãe que põe horário tende a desmamar cedo e a dar autonomia, enquanto a mãe que não põe horário e desmama tarde, tende a não dar autonomia (Tabela 21).

TABELA 21: Relação entre esquema de aleitamento/idade de desmame/autonomia, Vila Madalena, S.Paulo, 1991

autonomia\esquema de aleitamento	mãe		criança			TOTAL
	idade desmame		0-6	6-12	0-6 6-12 +12	
sim	9	-	3	3	3	28
não	3	1	4	-	8	16
TOTAL	12	1	7	3	11	44

As mães que: não têm horário, aleitam a pedido e dão autonomia, são mães que dispõem de espaço pessoal para os filhos. São as crianças de melhor desempenho na pesquisa: comem bem, dormem bem, seu desenvolvimento psico-motor é adequado, etc. Seriam as crianças equivalentes às crianças !Kung. Pode-se pensar que a disposição de se dar à criança seria uma base segura que permite que essa explore o mundo; por exemplo: R.B.: segundo filho homem de um casal jovem de origem mineira. O pai é pintor de carros, autônomo, a mãe não trabalha, ambos têm nível colegial. A casa é arrumada, ordenada, sem enfeites, mas há um "cantinho do bebê". É semi-coletivizado com uma tia materna que dá muita atenção e carinho e quando a criança tem 11 meses, chega outra irmã da mãe. A casa é úmida, pouco iluminada, o banheiro privativo e externo. O casal se dá bem mas difere quanto ao modo de cuidar. O pai resolve assuntos externos e a mãe os internos mas todos os assuntos são discutidos em conjunto. O nome foi escolhido pelo casal, por estética. O pai ajuda na casa e com as crianças. Não recebem nem fazem visitas. A criança foi desejada.

Mamou no seio exclusivamente até os 3 meses, quando foi introduzida a mamadeira e o desmame do seio ocorreu com 6 meses motivado pela criança. Não havia horário para a mamada e a rotina, presente, não era rígida. A mãe durante a entrevista, falava e brincava com a criança. Aos 9 meses, como reação ao estranho, a criança engatinhou atrás da mãe. Observou-se a criança se movimentar com liberdade pela casa e área anexa. Andou aos 11 meses. Falou as primeiras palavras - papa, mama e aua (água) aos 11 meses. A mãe engravidou e R passou a apresentar apego excessivo, distúrbio na alimentação e resfriados. A irmã nasceu quando ele tinha 13 meses. O pai e a tia auxiliavam muito a mãe. O terceiro organizador de Spitz - o não - estava presente aos 15 meses. Aos 18 meses, R. realizou as três provas indicadas para esta idade na Ficha do Ministério da Saúde.

Pode-se concluir:

1. Que não há relação direta entre idade de desmame e idade de marcha.

2. Que a "simbiose" é um processo emocional que não se manifesta em atraso da marcha podendo acelerar o início da mesma devido ao grande número de contatos mãe-criança.

3. Parece haver uma relação entre esquema de mamada/idade do desmame e autonomia da seguinte forma:

- quando há horário, a mãe tende a adiantar o momento do desmame e a dar autonomia (Tabela 21);

- quando não há horário, a mãe tende a atrasar o momento do desmame e a não dar autonomia (Tabela 21);

- as crianças mais bem desenvolvidas são sem horário/com autonomia/desmame médio (resultado qualitativo);

- as crianças com horário/sem autonomia/desmame precoce tendem a ter mães rígidas (resultado qualitativo);

- se houver relação entre idade de desmame e o início da marcha, é que as crianças que são aleitadas sem horário até 6 meses, tendem a encontrar circunstâncias propiciatórias ao seu desenvolvimento em geral.

Comparando-se essas conclusões ao questionamento a respeito das condições sócio-históricas-psicológicas do aleitamento, pode-se pensar que as mães que desejam a própria autonomia desmamam cedo e dão autonomia. Corresponderiam ao sistema educacional americano, conforme descrito por Brazelton (1977), com ênfase na realização individual e na independência. Já mães que se acham no extremo oposto, estão "simbiotizadas". Desmamam tarde e não dão autonomia. Mães e crianças mais "saúáveis" estariam num ponto intermediário, onde a mãe tanto propicia o "lugar", quanto a "espaciosidade" da criança, mas mantendo a própria autonomia.

5.6. Tipologia: Modo de Morar/Modo de Cuidar

No estudo do ambiente doméstico, conforme relatado anteriormente, além dos "Enfeites", duas outras categorias empíricas emergiram: a "organização" a "coletivização".

A organização foi subdividida em duas sub-categorias: arrumação e disposição.

A disposição é a ordenação por funções, enquanto a arrumação é a ordenação por classificação de objetos. A disposição é uma característica dos lares ocidentais, proveniente do século XVIII, de uma tendência que resultou quer na casa moderna, quer na família

moderna, nuclear ou, mais modernamente, na individualização das funções da casa e familiares (PROST, 1992). Através da disposição, as várias funções a que a casa serve - dormir, comer, conversar, higienizar, etc - estão dispostas de modo a formar unidades isoladas, o que é representado pelo conceito de "quarto" (room, em inglês: dining-room, living-room, etc). A arrumação envolve aspectos mais dinâmicos, mais momentâneos, significando os objetos móveis dispostos de um modo ordenado.

As casas foram classificadas em: *disposição*: não ordenada
semi-ordenada
ordenada

arrumação: com
sem

Comparando-se vários indicadores, podemos propor uma tipologia a partir dos casos pesquisados, que consiste em um conjunto de aspectos, representados por dois triângulos que se cruzam (Figura 7).

FIGURA 7: ESQUEMA PARA REPRESENTAR TIPOLOGIA

A forma triangular dessa tipologia não é casual porque, em primeiro lugar, o tipo surge nos extremos representados pelos ângulos dos triângulos, havendo uma graduação contínua nos níveis

intermediários; em segundo lugar, a casa e o modo de viver são extremamente dinâmicos e conflitivos, e o triângulo (e suas derivações), nos parece, é a melhor forma de representar dinamismo e conflito. As forças representadas estão em equilíbrio dinâmico, são vivas. O ato de morar pode ser visto como uma resolução de problema: de sobrevivência e interpessoais, onde os conflitos são inerentes à condição de sistemas abertos, vivos. Tanto a casa quanto o desenvolvimento devem ser vistos dentro destas forças dialéticas, dinâmicas e conflituosas.

A partir dessas considerações, propomos os seguintes tipos: *rígido*, *simbiótico*, *flexível*, *instável* e *!Kung* que serão descritos por suas características principais e alguns exemplos de casos típicos.

O tipo *rígido* é sem autonomia, desmame precoce, com enfeites, arrumação boa, com tendência à ordenação, tem horário de mamada e rotina. (Figura 8).

FIGURA 8: TIPO RÍGIDO

O tipo *simbiótico* é não ordenado, não arrumado e não tem rotina, nem horário de mamada. A criança não tem autonomia, o desmame é tardio e a casa não tem enfeites. (Fig.9).

FIGURA 9: TIPO SIMBIÓTICO

O tipo *flexível* apresenta tendência à ordenação, tem enfeites e a casa é arrumada. A criança tem autonomia, há rotina, mas o aleitamento é a pedido e o desmame, médio. (Fig.10).

FIGURA 10: TIPO FLEXÍVEL

O tipo *instável* é flexível, porém não há arrumação nem enfeites. Há horário de mamada. Ele é chamado de "instável" porque tende a se transformar em outro tipo, pois há elementos incongruentes, interiormente à sua constituição (Fig.11). Por exemplo: ser semi-organizado e não ter enfeites, ou ter rotina e não ter arrumação; com horário para mamada e desmame médio etc. Desse modo ele deve evoluir para um outro tipo, o flexível ou rígido. Por outro lado, ele pode

indicar uma instabilidade na organização da casa no sentido de alternância de padrões.

FIGURA 11: TIPO INSTÁVEL

O tipo flexível seria o que determinaria um desenvolvimento mais adequado. Ele tem em comum com o rígido a tendência à ordenação, arrumado e com rotina, mas diferentemente deste, o aleitamento é a pedido, o desmame médio e criança tem autonomia.

O tipo instável é semelhante ao flexível, porém tem horário de mamada, não tem arrumação e tende a ter poucos enfeites. A ausência de arrumação e de enfeites pode significar um momento de dificuldades, de desorganização. É um tipo que tende ou a se organizar, ou a se desorganizar. A criança pode estar apresentando algum problema. No caso-tipo, a criança esteve desnutrida a mãe tirou-a da creche, parou de trabalhar e ficou cuidando dela. É o 5º filho, o marido encontra-se parcialmente desempregado, é uma família muito pobre. A criança está se recuperando.

Pode-se dizer que o modo como a mãe organiza e cuida da casa se relaciona com o modo como a mãe organiza a vida e cuida da criança. Uma casa que ostenta "bens" parece indicar um espaço potencial onde a criança se permite o acesso aos bens, desde que haja autonomia. Quando esta não existe, ocorre rigidez educacional, com excesso de limitações. Quando não há enfeites, nem autonomia, pode-se supor um lar "carencial" e uma mãe "despossuída". Uma casa desarrumada, porém

com indícios de ordenação na rotina e na disposição, indica um estágio intermediário.

Os tipos rígido e simbiótico estão em polos opostos, enquanto os tipos flexível e instável são intermediários entre eles. O tipo rígido pretende controlar/organizar os acontecimentos muitas vezes incontrolláveis, enquanto o tipo simbiótico desistiu de controle. Esse controle ou ausência de controle se manifesta no modo como a casa é cuidada e como criança é cuidada. No tipo rígido, a casa é muito limpa, muito arrumada, há muitos enfeites, horários e rotinas. Em compensação, não há autonomia e no espaço potencial há dificuldade em permitir o acesso às coisas, ou seja, na autonomia. O tipo foi localizado na casa com tendência à ordenação, onde se manifesta intensamente a luta pela ordem. Essas mães vivem em um nível de insatisfação que se traduz em grande quantidade de enfeites e pela tentativa de ordenação. É como se elas quisessem ter casas maiores. Por outro lado, a sua meticulosidade se reflete no modo como educam os filhos, podendo acarretar excesso de limitações. A organização da casa indica uma busca compensatória de desorganização interior, com falta de espaciosidade. Pode haver consequências em termos de atraso do desenvolvimento.

No polo oposto, o tipo simbiótico encontra-se possuído pelo caos, pela desorganização interior. Tanto a casa quanto a criança estão sem limites e há um empobrecimento geral decorrente da desorganização. A mãe, a família, a casa, estão sem uma base de suporte e tudo parece se esvaír. As consequências emocionais para a criança são um quadro de ambivalência afetiva, com dificuldade em se separar da mãe.

Podemos construir também um tipo !Kung, semelhante ao tipo simbiótico, mas com a diferença da autonomia: a diferença entre o tipo !Kung e o simbiotizado é a possibilidade de autonomia, ou seja, o que

quebraria a relação simbiotizada seria a mãe dispor o mundo para a criança, como os !Kung fazem. (Figura 12).

FIGURA 12: TIPO !KUNG

6. O "EXERCÍCIO DE PENSAR"

Conforme colocado na Introdução, a proposta deste estudo foi realizar um "exercício de pensar" usando como referência o grupo de crianças de V. Madalena e como contraponto, o grupo !Kung.

Neste momento gostaríamos de passar a um nível puramente conjectural para pensar a relação "nature-nurture".

Segundo CARVALHO (1989), o ser humano é "naturalmente" cultural, não havendo ser humano sem cultura. Nesta medida, os aspectos sócio-culturais são tão primários na determinação do ser humano quanto os genéticos.

Filogeneticamente, tanto por ocasião da caça quanto da coleta, o que caracterizou o comportamento humano, diferenciando-o do chimpanzé, seu alterego na escala dos primatas, foi adiar a satisfação das necessidades, carregando o alimento para ser consumido posteriormente em grupo (MELLEN, 1881; ZIHLMAN, 1981, LEAKEY, 1978). Deste modo, instala-se o adiamento da satisfação de necessidades em função do grupo.

Nesse "espaço-tempo" aberto, ou nesta brecha entre o real e imaginário (MORIN, 1979), por nossos antepassados, estruturou-se a sociedade humana em termos de divisão de trabalho e trocas interpessoais, afeto, família e sociedade.

O adiamento da satisfação das necessidades é o que permite, segundo FREUD (1948) a atenção. Para ele, a percepção do ambiente baseia-se na tensão gerada por um impulso não satisfeito. "O nascimento psicológico ocorre porque, entre a sensação de necessidade e o seu desaparecimento através da satisfação, há demoras. Estas demoras - a falta - desempenham um papel fundamental no desenvolvimento adaptativo. Esse desenvolvimento adaptativo é a cultura. O intelecto, ele próprio é um produto da falta e a cultura e a civilização suas consequências (RABINOVICH, 1991). Para VYGOTSKY (1991), o desenvolvimento psicológico é o curso da apropriação de

formas culturais maduras de atividade. O que LEAKEY descreveu em nível filogenético encontra correspondência em nível ontogenético: o adiamento da satisfação de necessidades tanto permitiu a reestruturação das relações do homem com o meio ambiental e social quanto permite, para cada bebê recém-nascido, essa mesma reestruturação, segundo o modelo de criação. Para VYGOTSKY (1991) para tornar-se um ser humano, "a criança terá de reconstruir" nela (e não simplesmente reproduzir) o que já é aquisição da espécie.

Pode-se supor que foi o carregar que permitiu o adiar, isto é, as funções femininas, o útero e sua representação externa, a bolsa, que permitiram às mulheres ancestrais hominídeas realizar a coleta, transportando os cereais, raízes, etc para o "acampamento". A mulher, a partir do modelo "biológico" gestacional em que carrega o filho, teria começado a carregar os frutos e raízes que colhia, possibilitando assim o aparecimento da cultura como força transformadora da natureza.

O carregar e o adiar possibilitaram o acumular. Trata-se do acúmulo como reserva que tanto favoreceu o surgimento de relações sociais mais complexas quanto, interiormente, os registros da memória. O desenvolvimento dos lobos parietais tanto foi favorecido quanto favoreceu as conexões intermodais e os registros mnêmicos. Esse acúmulo foi possibilitado pelo adiamento, que é como se processa a impressão nervosa: ou seja, entre o estímulo e a resposta, começa a surgir, além do nível reflexo, a estrutura denominada "consciência".

Além do adiar, do carregar, do acumular ocorreria o internalizar. Para VYGOTSKY (1991) a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana. Para esse autor, isso é feito com base em operações com signos, através basicamente da linguagem.

Pela Teoria Geral do Sistema (BERTALANFFY, 1977), há uma

passagem de uma regulação externa para uma regulação interna, na qual o organismo passa a se auto-organizar. PIAGET (1968) usa o termo internalização na passagem dos esquemas motores para os de representação simbólica, a autonomia sendo alcançada pela independência do raciocínio frente ao concreto, ou seja, na operação em nível hipotético-dedutivo. Para HOFER (1987), estudando regulações fisiológicas entre mãe-filho em ratos, as regulações externas passam a ser internas em resposta a interações sociais, determinando a mudança da dependência para a autonomia.

A relação dentro/fora, natureza/cultura deve ser entendida de um modo dialético. A interação entre os dois parceiros - mãe/criança - é outra coisa que a soma das ações separadas de cada um (CRAMER, 1987). Os sistemas que se originam das interações são internalizados e tornados autônomos.

Os enfeites podem ser considerados objetos intermediários entre o dentro e o fora, entre o mundo interior e o mundo exterior, entre o corpo materno e o mundo real. Estariam no lugar, e fazendo o papel, do corpo materno. Para TJAN, o lugar é um tipo de objeto. Os objetos, e de um modo geral as posses, entram como substitutos do corpo materno, esse sim, "perdido" para os bebês modernos. O acúmulo material é a posse, enquanto o acúmulo imaterial, a memória, é a cultura (CARVALHO, comunicação pessoal, 1992). Há uma relação entre posse e cultura. O assentamento introduziu uma nova ordem com o acúmulo e a propriedade de posses. O conhecimento passado oralmente é limitado frente ao conhecimento registrado. Os povos sem registro têm uma memória histórica necessariamente diversa dos povos com registro. Desse modo, o acúmulo e a propriedade permitiram o acúmulo do conhecimento e ocasionaram a perda do corpo como fonte primária e primeira de propriedade, passando a ser essa a posse de espaços demarcados por objetos.

O sistema de cuidados !Kung implica em um sistema de pouco adiamento/pouco acúmulo, aleitamento contínuo/dormir junto, enquanto o sistema de cuidados da sociedade de consumo implica em um sistema de muito adiamento/muito acúmulo, aleitamento com horário e berço com enfeites, significando modelos diversos a serem interiorizados pelas crianças. Em V. Madalena, contudo, observaram-se vários modos de cuidar, de morar e de vida, resultando em vários modelos a serem internalizados pelas crianças.

Gostaríamos de propor o seguinte diagrama:

..... Tipo de sociedade/família	coletivizada	privatizada
predomínio de relações	através de pessoas	através de objetos
ação em relação ao grupo no caso de escassez	reforço de afiliação grupo	reforço da agressão individual
reação individual à escassez	?	perda de identidade sentimento de aglomeração
sentimento em relação ao grupo	altruísmo/sociocentrismo	egoísmo/egocentrismo
tipo de estimulação predominante	estimulação proximal	estimulação distal
tipo de manifestação da agressão	direta	indireta
.....		

Esse diagrama é uma tentativa de integrar alguns aspectos do ambiente de habitação com a relação mãe-criança e com a vida da criança na sociedade.

Conforme foi descrito, nas sociedades coletivizadas como os !Kung, as crianças crescem em íntimo contato corporal com os adultos, participando de suas atividades. A própria organização grupal, mais a ausência de posses, favorece o altruísmo primário: as crianças "aprendem" a dividir e a se importar com o outro desde os primeiros

momentos de vida. Esse modo de proceder resulta das próprias contingências da vida comunitária, onde da ação afiliativa depende a sobrevivência do grupo.

O modo de habitar é coerente com esse modo de vida: sem portas, sem paredes, sem divisões de espaços, sem hierarquias (a não ser, cremos, o espaço profano e o sagrado).

No polo oposto, as sociedades privatizadas, como a nossa, dependem de portas, paredes, tranças, grades, guardas para proteger as propriedades e as vidas. Em caso de escassez, há um reforço de agressão individual, através da competição entre indivíduos. É a livre iniciativa, a ênfase na autonomia, no poder auferido pelas posses. Esse sistema de valores privilegia o egoísmo como melhor modo de sobreviver. A educação é feita por estimulação distal e as pessoas são substituídas por objetos e esses passam a receber forte carga afetiva. A escassez é sentida como frustração individual, com perda de identidade, sentimentos de desvalia e perda de autonomia. Consequentemente, há uma sensação de perda do espaço.

Esse modo de proceder é, segundo esquemas freudianos, anal. Tal é a interpretação de SCHNEIDER (1977) de nossa sociedade. As pessoas que vêm de casas organizadas "analmente" estão melhor adaptadas para vencer nessa sociedade obsessivo-compulsiva. É o que se verifica no fracasso escolar das crianças que vivem coletivizadamente havaianas-americanas e Maori (HOWARD e SCOTT, 1981) e, de um modo geral, as nossas próprias crianças que vêm de lares desfavorecidos economicamente e que vivem coletivizadamente.

Lugar e Espaço, como observado no sistema de aleitamento e autonomia, compoem o "Espaço Potencial". Neste espaço, estariam representados os valores sócio-culturais responsáveis pelo contexto onde ocorre o desenvolvimento da criança, tanto em função dos tipos de interações que dele decorrem quanto da internalização dos padrões que a ele presidem.

7. CONCLUSÃO

Os sistemas de desenvolvimento, o aleitamento/desmame e a locomoção, e aspectos do contexto, o quarto de dormir e o modo de morar, podem ser considerados indicadores da relação mãe-criança. Neste sentido, confirmam-se as observações de CHISHOLM (1981), com povos Navajo e Anglo-americano, de que as diferenças observadas inter e intra-culturais eram devidas à oportunidade de interação com outras pessoas (família nuclear ou ampliada) e que essas diferenças eram uma função do grupo de residência de cada criança. O grupo de residência, o modo de morar, por sua vez, depende de condições eco-sócio-econômicas, do contexto macro-social. Através destes estudos, pode-se começar a entender a intrincada rede de influências co-reguladas que produzem o desenvolvimento. Contudo, o presente estudo mais abre questões do que as responde. Pontuando aspectos do mamar, do andar, do dormir e do morar, ele analisa as relações através de "todos interrelacionados" - os sistemas de desenvolvimento e os contextos - de tal modo que problematiza qualquer afirmação a respeito do desenvolvimento. O desenvolvimento é visto como um sistema e como um produto de vários sistemas que atuam em vários níveis. Além disso, ele aparece mais como um processo do que uma aquisição: desenvolver é se transformar no tempo, desenvolvimento é vida. Porque no desenvolvimento a criança se apropria da cultura e a cultura se apropria da criança, o desenvolvimento é a aculturação do ser humano na medida em que o contexto humano é cultura. A própria cultura, por sua vez, como foi ilustrado no estudo dos enfeites, intermedeia relações e transforma estruturas interiores. Assumimos, como OYAMA (1989) que genes e meio sócio-cultural são interagentes herdados e que o desenvolvimento é seu produto. Por exemplo: a mãe, para aleitar, depende de uma rede de relações sócio-econômicas; contudo, se o bebê for um pré-termo, por exemplo, haverá uma co-regulação no sentido de o bebê exigir mais da mãe e o meio interagir em função disto. As interações emergentes são a própria Vida imersa na "calda original" da "cultura natural". Essa inserção - órgão, organismo, grupo, sociedade,

ecossistema, etc - se dá com regulações mútuas, informações e ruídos sendo produzidos continuamente, gerando entropia e neguentropia; conforme MORIN (1979), ordem e desordem, estreitamente ligadas, fazem da vida um sistema de reorganização contínua fundado sobre a lógica da complexidade.

Quando se conclui que a idade em que a criança anda pode ser um indicador de autonomia e que esta varia em função da organização sócio-cultural e afetiva da família, cria-se um caos no que se refere a marcos comportamentais, escalas, etc. Valores parecem dirigir sistemas de comportamentos e os próprios valores parecem ser adaptações ao nicho ecológico transmitidas culturalmente.

A outra grande dimensão da relação mãe-criança - "o lugar", "o modo de apego" - igualmente está imersa no grupo familiar, social, ecossistema, etc. A disponibilidade da mãe para a criança depende não apenas da presença de outras pessoas (famílias ampliadas ou nucleares) como da interação de vários outros fatores, por exemplo a carga horária de trabalho, de tal modo que "o lugar" da criança depende da inserção da mãe na sociedade, ou mais amplamente, do contexto social que é o mesmo que produzirá o sistema de desenvolvimento através das interações entre as pessoas envolvidas. Contudo, este contexto é ele próprio fruto de forças "naturais" de tal modo que as "leis que pegam", ou seja, os costumes que permanecem são os que estão adaptados à realidade total do ser humano. Neste sentido, os estudos com "o bebê competente" apontam motivos para que o sistema mãe-bebê seja potencialmente mais adaptado do que o formado por "coletivo-bebê". Desequilíbrios desenvolvimentais geram necessidade de mudanças no modo de criar, de modo que ambos "interagentes" sejam contemplados. Tanto um modelo de criação "mãe-coletiva" teve de ser revisto, por exemplo, em Israel, quanto o "tipo !Kung" não é ajustado à realidade da mulher paulistana, tornando-se "tipo simbiotizado".

A definição de família como co-residência enfatiza o modo de morar na produção do sistema de desenvolvimento. Inúmeros fatores são

responsáveis por as pessoas morarem como o fazem - culturais, sociais, econômicos, políticos, históricos, geográficos, demográficos, psicológicos - e como o sistema de desenvolvimento decorre do contexto onde a criança está, casa e família confluem como mediadores do sistema de significações que "informará" o desenvolvimento: isto é, casa e família fornecem uma estrutura de relações, uma trama, que produzirá o sistema de significações da criança. Por isso a "leitura" da casa e da família é um indicador da "língua" na qual a criança se expressará, e a "fala" da criança, a forma concreta que o sistema de desenvolvimento assume em função da co-gestação sujeito - ambiente. Para nós, o ambiente humano deve ser entendido como uma "linguagem", quer como resultado de signos e símbolos criados e partilhados coletivamente quer como parte do contexto do desenvolvimento em que o ambiente cultural medeia a relação eu - mundo.

O modo de vida pode ser pensado como a "calda original", o contexto quer micro quer macro-social, estando ele próprio em transformação permanente.

De calda para cauda, para finalizar, a metáfora do uróboro, a serpente que morde, em círculo, a própria cauda. Ela simboliza a manifestação e a reabsorção cíclicas que tanto cria o tempo quanto a vida; ela tanto pode estar rompendo com uma evolução linear e marcando uma transformação para um nível superior quanto girando eternamente sobre si própria, simbolizando, nesse caso, o eterno retorno, o impulso de morte. Tal é a nossa "metáfora": ou rompemos o círculo vicioso inato-apreendido, nature-nurture, ou ficamos eternamente comendo a própria cauda.

BIBLIOGRAFIA

AINSWORTH, M.D.S.: Attachment Theory and Its Utility in Cross - Cultural Research, in Leiderman, P.H. et al (ed): Culture and Infancy, Variations in the Human Experience, Academic Press, Inc, New York, 1977.

ARIÈS, P.: História Social da Criança e da Família, Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1978

ARIÈS, P. e DUBY, E (ed) História da Vida Privada, Da Europa feudal à Renascença, vol.2, Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

ARIÈS, P. e DUBY, E (ed) História da Vida Privada, Da Renascença ao Século das Luzes, vol 3 ,Companhia das Letras, São Paulo, 1991

RADINTER, F.: Um amor conquistado : o mito do amor materno . Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984

BFRENSTFIN, I.: Família e Doença Mental, Escuta, São Paulo, 1988

BERTALANFFY, L.: Teoria Geral dos Sistemas, Ed. Vozes, São Paulo, 1977.

BERGAMASCO, N.H.P. e BERALDO, K.E.A.: Facial expressions of neonate infants in response to gustatory stimuli. Braz.J.Med.Biol.RFS 23 , 1990.

BLURTON JONES, N.: Aspectos comparativos do contato mãe-criança , in Estudos Etológicos do Comportamento da Criança, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, São Paulo, 1981.

BOWLBY, J.: Apego, Martins Fontes, São Paulo, 1981

BOWLBY, J.: *Separação*, Martins Fontes, São Paulo, 1984

BOWLBY, J.: Developmental Psychiatry Comes of Age, *Am. J. Psychiatry* 145:1, January, 1988

BORNSTEIN, M.K. e MARKS, L.E. Color revisionism, *Psych. Today*, Jan 64-73, 1982.

BRAZELTON, T.B. Implications of infant Development among the Mayan Indians of Mexico, LEIDERMAN et al (ed): *Culture and Infancia*, Academic Press New York, 1977.

BRAZELTON, T.B.: O bebê: parceiro na interação, in BRAZELTON et al (ed.): *A Dinâmica do Bebê*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1987.

BUSHNELL, J. W.R. et al: Neonatal recognition of the mother's face. *British J. of Developmental Psych.* 7 (1): 3-16, 1989.

CARVALHO, A.M.A.: O lugar do biológico na psicologia ; O ponto de vista da etologia, *Biotemas*, 2(2): 81-92, 1989.

CARVALHO, A.M.A. e BERALDO, K.E.A.: Interação Criança - Criança : Ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas, *Cad. Pesq. São Paulo* (71): 55-61, novembro, 1989.

CHISHOLM, J.S.: Residence Patterns and the Environment of Mother-Infant Interaction Among the Navajo, in FIELD, T.M. et alii (eds) *Culture and Early Interactions*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey, 1981

CERNOCH, J e POSTER, R.: Recognition of maternal axillary odors by infants. *Child Development*, 56, 1593 - 1598, 1985

CRAMER, B.: "A psiquiatria do Bebê: uma introdução", in BRAZELTON, TB et al: *"A dinâmica do bebê"*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1987.

DE CASPER, A.S. e FIFER, W.P.: Of human bounding : Newborns prefer their mother's voices. *Science*. 208: 1174-1176, 1980.

DEVORE, I. e KONNER, M.J. : Infancy in hunter-gatherer life : an ethological perspective, in WHILE, N.F. (ed) : *Ethology and Psychiatry*, University of Toronto Press, Toronto, 1974.

DIBIE, P. O Quarto de Dormir: um estudo etnológico, Ed. Globo, Rio de Janeiro, 1988.

DUFUY, J.P.: "Ordem e desordem", *Ciência e Cultura*, 42(2), 150-160, Fevereiro, 1990

EIBL-EIBENFELDT, 'I: O mito dos caçadores-coletores não agressivos, in HOLLOWAY, R.L.(ed) *Primate Aggression, territoriality and xenophobia*, Academic Press, Londres, 1974.

ERICKSON, E.H.: *Infância e Sociedade*, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1976.

FERNALD, A. e SIMON, T.: Expanded intonation contours of mother's speech to newborns. *Develop Psych*, 20(1): 104-113, 1984.

FERNALD, A.: Four-month-old infants prefer to listen to motherese. *Infant Beh and Dev.*, 8: 181-195, 1985.

FIELD, T.M. et al : Mother - stranger face discrimination by the newborn, *Infant Beh & Develop*. 7: 19-25, 1984.

FREUD, S.: Uma teoria sexual in "Obras Completas" cap. VII, Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.

GÉLIS, J.: A individualização da criança, in ARIÈS, P. *História da Vida Privada*, vol 3, Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

GOTTLIEB, G.: Critical perceptual dimensions of the maternal voice for human infants. In GOTTLIEB, B e KRASNEGOR, N. (eds); Measurement of Audition and Vision, Ablex Publ.Corp., New Jersey, 1985.

GOULD, S.S.: Darwin e os Grandes Enigmas da Vida, Martins Fontes, São Paulo, 1987.

GUNNAR, M.R.: Prefácio, in Gunnar, M.R. e THELEN, E (eds) Systems and Development, The Minnesota Symposium on Child Psychology, vol.27, Lawrence Erlbaum, N.Jersey, 1989.

HALL, E.: A Dimensão Oculta, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1989

HINDE, R.A.: Individuals, Relationships anal Cultures: links between Ethology and the Social Sciences, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.

HOCKETT, C.F.: Logical Considerations in the Study of Animal Communication in LANYON, W.E. e TAVOLGA, W.M. (eds): Animal Sounds and Communications, Am. Inst. Biol. Science, Washington D.C., 1960.

HOFER, M.: Early Social Relationships: A Psychobiologist's View, Child Development, 58,633-647, 1987.

HOWARD, A. SCOTT, R.A.: The Study of Minority Groups in Complex Societies, in MUNROE, R.H. et alii: Hand-book of Cross Cultural Human Development, Garland STPM Press, New York, 1981

JOUVET, M.: Neurolologia do Sonho, in A Unidade do Homem, vol II, O Cérebro Humano e seus Universais, Centro Royaumont para uma ciência do Homem, Ed.Cultrix e Ed. Universidade de S.Paulo, São Paulo, 1978.

KAPLAN, M. e KAPLAN, N.: The self-organization of Human Psychological Functioning, *Behavioral Science*, vol. 36, p.161-178, 1991.

KITZINGER, S.: *Mães: um estudo antropológico da maternidade*, Editorial Presença, Lisboa, 1978.

KLAUS, M. e KLAUS, P.: *O surpreendente recém-nascido*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.

KON, I.S.: A sociocultural approach in: GEER, J. H. e O'DONOHUE, W.T.(ed): *Theories of Human Sexuality*. Plenum Press, New York, 1987.

KONNER, M.: Infancy among the Kalahari Desert San, LEIDERMAN et al.(ed) : *Culture and Infancy*, Academic Press, New York, 1977.

KONNER, M.: Evolution of Human Behavior Development, in LEIDEMAN et al (ed) : *Culture and Infancy*, Academic Press, New York, 1977.

KONNER, M.: Etologia de um Povo que Vive da Caça e da Coleta. Aspectos Relacionados com o Desenvolvimento Infantil, in BLURTON JONES, N (Ed): *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, São Paulo, 1981.

KONNER, M.: Introdução, in *Culture and Early Interactions*, FIELD, T. et alii (ed), Lawrence ERLBAUM Associates, Hillsdale, New Jersey, 1981.

LEAKEY, R.L.: *O Povo do Lago*, Melhoramentos, São Paulo, 1978.

LEAKEY, R.L.: *A Evolução da Humanidade*, Melhoramentos, São Paulo, 1981.

LEVINE, R.A.: Child Rearing as Cultural Adaptation, in Leiderman, P.H. et alii (eds): Culture and Infancy: Variations in the Human Experience, Academic Press, New York, 1977.

LEWIS, M. e BAN, P.: Variance and Invariance in the Mother-Infant Interaction: A Cross- Cultural Study, in LEIDEMAN, P. H. et al (ed): Culture and Infancy: Variations in the Human Experience, Academic Press, New York, 1977.

MASL, W.S. e SCOTT, K.G.: Preterm and Full - term infants visual responses to mother's and stranger's faces. in FIELD, T. e SOSTEK, A. (eds): Infant Born at Risk, cap.8, 173-179, 1983.

MASSA, A.M.: "A moradia e suas implicações na dinâmica da personalidade: uma tentativa de estudo entre moradora de cortiço e de favela na cidade de São Paulo", Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1986.

MELLEN, S.L.W.: The Evolution of Love, Freeman, New York, 1981.

MILLER, J.C. e MILLER, J.L.: The Earth as a System, Behavioral Science, 27(4): 302 - 322, 1982.

MOLES, A.: Ecologia dos Atos, in Centro Royaumont para uma Ciência do Homem (ed): A Unidade do Homem Vol III; Para uma Antropologia Fundamental, Ed. Cultrix e Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

MORIN, E.: Quenigma do homem, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1979.

MORRIS, D.: Você, Círculo do Livro, São Paulo, 1977.

MORRIS, D.: O Macaco Nu. Record, Rio de Janeiro, 1967.

MONROE, R.H. e MONROE, R.L.: Household Density and Infant Care in an East African Society, The Journal of Soc. Psych. 83, 3-13, 1971.

OYAMA, S.: Ontogeny and the Central Dogma: Do we need the Concept of Genetic Programing in Order to Have an Evolutionary Perspective ? in GUNNAR, M.R. and THELEN, E. (Eds): Systems and Development, The Minnesota Symposium on Child Psychology, Volume 27, Lawrence Erlbaum, New Jersey, 1989.

PARKE, R.P.; GROSSMANN, K e TINSLEY, B.T.: Father-Mother - Infant Interaction in the Newborn Period: A German-American Comparison, in FIELD, T.M. et alii (eds): Culture and Early Interactions, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, Hillsdale, New Jersey, 1981.

PAPOUSEK, H. e PAPOUSEK, M.: Learning and Cognitive in the Everyday Life of Human Infants, in Advances in the study of behaviour, vol.14, Academic Press, New York, 1984.

PIAGET, J.: Biologia et Connaissance, Gallimard, Paris, 1968.

FLOOD, F.: How wild chimpanzee babies trigger the onset of mother-infant play-and what the mother makes of it , in BULLOWA, M. (ed) Before Speech, Cambridge Univ.Press, Cambridge, 1979.

POSTER, M.: Teoria Crítica da Família, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1979.

PROST, A.: Fronteiras e espaço do privado : A família e o indivíduo, in ARIES, P. e DUBY, G. (dir) História da vida privada, Volume 5, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.

RABINOVICH, E.P.: "A Casa dos Sem Casa", 1992, no prelo

RABINOVICH, E.P.: "O Nascimento psicológico", R. Bras. CDH, São Paulo, número 1, 1991.

RIESER, J. et al: Radial localization of odors of human newborns. *Child Dev.* 47: 856-859, 1976.

SCHNEIDER, M.: *Neurose e Classes Sociais. Uma Síntese Freudiana - Marxista*, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1977.

SIQUEIRA, A.A.F., OLIVEIRA, D.C., RABINOVICH, E.P., SANTOS, N.G.: Instrumentos para o Acompanhamento e Avaliação do Desenvolvimento Infantil na Atenção Primária à Saúde, *Rev. Bras. Cres. Des. Hum.* Iglu Editora, Ano II nº 2, pags. 59-99, 1992.

SONMER, R.: *Espacio e Comportamiento Individual*, Instituto de Estudios de Administracion Local, Madrid, 1974.

SORENSEN, E.R.: Early tactile communication and the patterning of human organization: a New Guinea case study in BULLOWA, M (ed): *Before Speech*, Cambridge Univer. Press, Cambridge, 1989.

TASCHNER, S.P.: *Moradia da Pobreza: Habitação sem Saúde*. Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 1982.

TREVARTEN, C.: Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity, in BULLOWA, M. (ed): *Before Speech*, Cambridge Univ. Press, Cambridge, 1979.

TRIANDIS, H.C.: Cross-cultural differences in Assertiveness/competition vs group loyalty/cooperation, in HINDE, R e GROEBEL, J (ed): *Cooperation and pro-social behavior*, Cambridge, Univer. Press, 1991.

TUAN, Yi-Fu: *Espaco e Lugar*, Ed. Difel, São Paulo, 1983.

VYGOTSKY, L.S.: A Formação Social da Mente, Martins Fontes, 1991.

WASHBURN, S.L. e LANCASTER, C.S.: Evolution of Hunting, in Lee, R.B. e DEVORE I (eds): Man the Hunter, Aldini Publishing Co, Chicago, 1970.

WIDNER, C. e TISSOT, R.: Os Modos de Comunicação do Bebê. Posturas, Movimentos, Vocalises. Ed. Manole Ltda 1987.

WINNICOTT, D.W.: Da Pediatria à Psicanálise, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1982.

WHITING C., J. W. M.: Enviromental Constraints on Infant Care Pratices, in MUNROE, MUNROE and WHITING (eds): Handbook of Cross-Cultural Human Development, Garldan Press, New York, 1981.

YARROW, L.J., PEDERSEN, F.A. E RUBENSTEIN, J.: Mother-Infant Interaction and Development in Infancy, in LEIDERMAN et al (ed): Culture and Infancy, Academic Press, New York, 1977.

YELLEN, J.: The Process of Basarwa Assimilation in Botswana, Botswana Notes and Record, 17: 15-23, Botwana Society, Gabarone.

ZASLOW, M. e ROGOFF, B.: The Cross-cultural Study of Early Interaction: Implication from Research on Culture and Cognition, in FIELD, T. et alii (eds): Culture and Early Interaction, Lawrence Erlbaum Ass., New Jersey, 1981.

ZIHLMAN, A.L.: Women as shapers of the human adaptation, in DAHLBERG, F. (ed): Woman the Gatherer, Yale Univ. Press, N. Haven and London, 1981.

ANEXOS

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO

Nome:

ANEXO I

Registro

ÉPOCA DA CONSULTA	DATA DE NASCIMENTO	MARCOS DO DESENVOLVIMENTO (Resposta Esperada)	IDADE (MESES)														
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	15		
1 mês		Abre e fecha os braços em resposta à estimulação (Reflexo de Moro).															
		Postura: barriga para cima, pernas e braços fletidos, cabeça lateralizada.															
		Olha para a pessoa que a observa.															
2 meses		Colocada de bruços, levanta a cabeça momentaneamente.															
		Sorri espontaneamente.															
		Fixa e acompanha objetos em seu campo visual.															
4 meses		Colocada de bruços, levanta e sustenta a cabeça, apoiando-se no antebraço.															
		Alcança e pega objetos pequenos.															
		Emite sons - vocaliza.															
6 meses		Levantada pelos braços, ajuda com o corpo.															
		Segura e transfere objetos de uma mão para outra.															
		Vira a cabeça na direção de uma voz ou objeto sonoro.															
9 meses		Senta-se sem apoio.															
		Arrasta-se ou engatinha.															
		Responde diferentemente a pessoas familiares e estranhas															
12 meses		Anda com apoio.															
		Faz gestos com a mão e cabeça (de tchau, de não; bate palmas, etc.).															
		Emprega pelo menos 1 palavra com sentido.															
18 meses		Anda sozinha; raramente cai.															
		Combina pelo menos 2 palavras.															
		Tira qualquer peça do vestuário.															
2 anos		Corre e/ou sobe degraus baixos.															
		Em companhia de outras crianças, brinca isoladamente.															
		Diz seu próprio nome.															
3 anos		Fica sobre um pé momentaneamente.															
		Usa frases.															
		Veste-se com auxílio.															
4 anos		Pula sobre um só pé.															
		Brinca com outras crianças.															
		Reconhece mais de 2 cores.															
5 anos		Pula alternadamente com um e outro pé.															
		Veste-se sozinha.															
		Pede ajuda quando necessário.															

P = Presente

A = Ausente

NV = Não verificado

ANEXO 2

PESQUISA: Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil como Estratégia de Atenção Primária à Saúde

PROCEDIMENTOS PARA OBSERVAÇÃO DOS ORGANIZADORES DA "PSIQUÊ" SEGUNDO SPITZ

.....
1º Organizador
.....

Reação de sorriso recíproco - 3 meses

Condições:

- 1) a face deve se apresentar de frente, de maneira que o bebê possa ver os dois olhos
- 2) a face deve mover-se

.....
2º Organizador
.....

Ansiedade dos 8 meses - 8 meses

O desprazer assume a forma de uma ansiedade específica, quando um estranho se aproxima da criança.
O desprazer é causado pelo medo que a criança tem de ter perdido a mãe.

DESEJO: Para se observar o fenômeno da ansiedade dos oito meses e realizar experiências a respeito dele, não se deve fazer isso na presença da mãe. Deve se solicitar a saída da mãe e observar a reação da criança.

Onde as manifestações de ansiedade dos oito meses são grandes, a presença da mãe bastará para torná-las de todo irrelevantes, ao passo que, estando ela ausente, essas manifestações se mostrarão inconfundíveis. (O primeiro Ano de Vida SPITZ, p.146).

(*) Este roteiro é parte integrante da Pesquisa supra citada, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa.
Autores: BIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; SANTOS, N.B.; RABINOVICH, E.F.

.....
3º Organizador
.....

Aquisição do "não" semântico

O emprego semântico do meneio de cabeça, "não", torna-se manifestas nas ocasiões em que a criança recusa tanto oferecimento quanto solicitações, tanto proibições como ordens. É possível interpretar o movimento da cabeça como uma mensagem dirigida a uma outra pessoa. Observar a reação da criança frente a situações de ordens, proibições ou oferecimento.

ANEXO 3

PEQUISA: Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil como Estratégia de Atenção Primária à Saúde

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DO AMBIENTE DOMÉSTICO
(versão revista)

- I. Localização: país, cidade, bairro, rua
- II. Segurança:
 - Social
 - Física
- III. Tipo: discriminar o tipo (casa, apt^o, etc) o nr. de cômodos
- IV. Estrutura:
 - A. Paredes - Telhado - Chão
 - B. Tamanho
- V. Condições Físicas: aeração - umidade - luminosidade - insolação
- VI. Ordenação: Funções por cômodos
- VII. Arrumação: ordem e limpeza
- VIII. Enfeites: paredes e chão
- IX. Quem comprou os móveis
 - Quem dispôs os móveis
- X. Espaço do bebê
 - espaco interior: função
 - dormir
 - comer
 - brincar
 - andar

- . espaço exterior: andar
correr
brincar
- . espaço potencial: enfeites

ANEXO 4

PESQUISA: Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil como Estratégia de Atenção Primária à Saúde

ANAMNESE DA CRIANÇA E FAMÍLIA

ANAMNESE DA CRIANÇA

A) ANTECEDENTES PESSOAIS; História da Criança

1. Resposta emocional ante a:
 - a) possibilidade de uma gravidez
 - b) notícia da gravidez
 - c) condições materiais
 - d) expectativa frente ao sexo, cor ou outros
2. Condições psicossomáticas da gravidez:
 - a) como passou a gravidez
 - b) como se sentiu
 - c) fez pré-natal? onde?
3. Parto:
 - a) a termo
 - b) forceps
 - c) cesariana
 - d) ficou roxo?
 - e) precisou de oxigênio
 - f) ficou ecterício (amarelinho)?
 - g) onde foi? quem atendeu?
4. Escolha do nome:
 - a) quem escolheu?
 - b) porque escolheu?
5. Sentimentos que a criança despertou nos pais e demais pessoas da família com quem convive:
 - a) no pai
 - b) na mãe
 - c) divergências no casal quanto a conceitos culturais de educação

(*) Este roteiro é parte integrante da Pesquisa supra citada, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa.

Autores: BIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; SANTOS, N.G.; RABINOVICH, E.P.

6. Lactância:

- a) primeira mamada: pegou logo no seio? sugou bem? sentimento da mãe
- b) artificial? esquema de alimentação, horários, etc.
- c) como a mãe acalma a criança quando chora? como a mãe lida quando a criança recusa alimento?
- d) mudança seio-mamadeira
- e) o desmame e suas condições: uso de chupeta

7. Sono:

- a) dorme bem?
- b) se mexe muito?
- c) transpira?
- d) onde dorme e com quem dorme?
- e) quem acorda?

8. Rotina diária da criança

9. Psicomotor:

- a) quando sorriu?
- b) quando sentou com apoio?
- c) quando sentou sem apoio?
- d) quando engatinhou?
- e) quando ficou em pé?
- f) quando andou?

10. Linguagem:

- a) arrulha?
- b) balbucia?
- c) inventa algum som?
- d) usa alguma palavra?
- e) usa alguma frase? qual?

11. Jogo:

- a) com as mãos
- b) com os pés
- c) manuseio de objetos

ANAMNESE FAMILIAR

A) ESTRUTURA FAMILIAR

(dados referentes a todas as pessoas que residem na casa)

- 1) idade, sexo, grau de parentesco, procedência, escolaridade, religião, profissão
- 2) salário (renda total das pessoas que residem na casa)

- 3) a renda dá ou não dá para cobrir as despesas da família?
- 4) como é administrada a renda?
- 5) mudanças de residência e/ou de pessoas da família?

B) DINÂMICA FAMILIAR

1) Relação Família/Sociedade:

Como a família relaciona-se com:

- a) parentes
- b) vizinhos
- c) lazer
- d) comunidade

2) Relação do casal

a) harmonia

Como o casal se conheceu?

Como era a relação?

Como é atualmente?

Se tem e quais são os problemas quanto a:

- educação dos filhos
- ordem econômica
- sexo
- objetivos de vida
- temperamento

b) participação do casal na:

- educação dos filhos
- cuidados da casa
- economia

c) relação de poder:

Como é administrado o dinheiro?

Quem comprou os móveis

Quem dispõe os móveis

Quem escolheu o nome do(a) filho(a)

d) Sexo:

- se o casal se dá bem sexualmente
- se a relação é satisfatória
- quem dorme com quem?

C) ANTECEDENTES FAMILIARES

- a) nervoso
- b) internado
- c) com desmaios
- d) doenças psicossomáticas
- e) se bebe, joga, ou tem outros vícios

ANEXO 5

PESQUISA: Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil como Estratégia de Atenção Primária à Saúde

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MÃES

- 1ª Parte da Entrevista: refere-se as representações propriamente ditas.
- 1) FORMAS DE ENTENDIMENTO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.
 - 2) DIFERENÇAS ENTRE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO.
 - 3) FORMAS UTILIZADAS PELA MÃE PARA PERCEBER COMO SEU FILHO ESTÁ SE DESENVOLVENDO.
 - 4) ASPECTOS QUE PODEM FACILITAR OU DIFICULTAR O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.
 - 5) COMO MÃE E FAMÍLIA INTERFEREM NO DESENVOLVIMENTO (AJUDAR OU ATRAPALHAR, REPRIMIR, ETC;).
- 2ª Parte da Entrevista: refere-se à percepção quanto às práticas institucionais.
- 1) LOCAIS OU PESSOAS ONDE A MÃE BUSCA, OU GOSTARIA DE ENCONTRAR, ORIENTAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO SEU FILHO.
 - 2) O QUE O CENTRO DE SAÚDE FAZ E PODERIA FAZER PARA CONTRIBUIR COM O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.
 - 3) Outras Observações que o Entrevistado queira fazer sobre Os Temas discutidos.

(*) Este roteiro é Parte integrante da Pesquisa supra citada, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa.
Autores: BIQUEIRA, A.A.F; OLIVEIRA, D.C; SANTOS, N.B; RABINOVICH, E.P.

ANEXO 6

PESQUISA: Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil como Estratégia de Atenção Primária à Saúde

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA

1 - OBSERVAÇÃO DA MÃE

1.1. Aparência Física, e cuidados pessoais.

- a) sinais de vitalidade
- b) modo de vestir, cuidados com o corpo, vaidade, auto-estima
- c) em que medida se relaciona com o ambiente onde está
- d) conteúdo do diálogo
- e) grau de tensão e relaxamento (tonicidade)
 - f) se está apática ou hiper emotiva (detectar atitudes extremas)
- g) "preocupação materna primária". Verificar nível de atenção com a criança.

2 - MÃE/CRIANÇA

2.1. Presta atenção

- a) do ponto de vista qualitativo
 - de modo neutro
 - com desprazer
 - com prazer
- b) do ponto de vista quantitativo
 - muito
 - médio
 - pouco

(*) Este roteiro é Parte integrante da Pesquisa supra citada, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa.
Autores: SIQUEIRA, A.A.F; OLIVEIRA, D.C; SANTOS, N.B; RABINOVICH, E.P.

2.2. Contatos Físicos(diretos) com a criança: acaricia, toca, acalenta

a) do ponto de vista qualitativo

- de modo neutro
- com desprazer
- com prazer

b) do ponto de vista quantitativo

- muito
- médio
- pouco
- como segura o bebê

2.3. Contatos Físicos(indiretos) com a criança

a) olha, sorri, fala, canta

b) tom de voz ao falar com você

c) ao dar de mamar, olha o nenê, coloca-o no centro de suas atenções

d) protege o nenê de possíveis dissabores, se incomoda com o seu sofrimento : ruídos , temperatura , interferências no sono e na alimentação: como introduz as modificações.

2.4. Cuidados com o bebê

a) higiene da criança

(obs.: criança com + ou - 12 a 24 meses)

2.5. Como a mãe reage quando solicitada pela criança

a) frente a choro

b) frente a separação da mãe

c) ao não da criança

2.6. Como a mãe reage à manipulação e à movimentação da criança

a) permite a movimentação

b) tolhe a movimentação

2.7. Como a mãe reage à "sujeira" da criança

- a) permite
- b) tolhe

2.8. Se a mãe brinca com a criança

(bate palma, ciao, esconde-esconde, jogar brinquedos no chão).

2.9. Se a mãe procura se comunicar ao nível da criança

(postura, linguagem).

ANEXO 7

PESQUISA: Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil como Estratégia de Atenção Primária à Saúde

ANAMNESE DE ACOMPANHAMENTO - RETORNO VISITA DOMICILIAR

DATA:

IDADE:

I. DADOS COMPLEMENTARES

II. ACOMPANHAMENTO

- a) Sono:
- b) Alimentação:
- c) DNPM e Toalete:
- d) Linguagem
- e) Jogos:
- f) Rotina:
- g) Área Física:
- h) Dinâmica Familiar:

III. RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA

RETORNO - VD

IV. SPITZ

OBSERVAÇÃO DO ENTREVISTADOR:

(*) Este roteiro é Parte integrante da Pesquisa supra citada financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa. Autores: SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; SANTOS, N.B.; RABINOVICH, E.F.

Serviço de Apoio Didático

Coordenadoria
de Comunicação Social